

ANDRÉ KOSLOSKI

EMANCIPAÇÃO INSTITUCIONAL E COMUNITÁRIA:
COMUNICAÇÃO E SUSTENTABILIDADE

Dissertação de Mestrado
Para a obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação em
Teologia
Área de Concentração: Teologia
Fundamental Sistemática

Orientador: Dr. Valério Guilherme Schaper

São Leopoldo

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

K864e Kosloski, André
Emancipação institucional e comunitária: comunicação e sustentabilidade / André Kosloski ; orientador Valério Guilherme Schaper. – São Leopoldo : EST/PPG, 2018.
105 p. ; 31 cm

Dissertação (Mestrado) – Faculdades EST. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo, 2018.

1. Comunicação. 2. Sustentabilidade. 3. Comunidade. 4. Gramsci, Antonio. I. Schaper, Valério Guilherme, orientador. II. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

ANDRÉ KOSLOSKI

EMANCIPAÇÃO INSTITUCIONAL E COMUNITÁRIA:
COMUNICAÇÃO E SUSTENTABILIDADE

Dissertação de Mestrado
Para a obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação em
Teologia
Área de Concentração: Teologia
Fundamental Sistemática

Valério Guilherme Schaper – Doutor em Teologia – Faculdades EST

Oneide Bobsin – Doutor em Ciências Sociais – Faculdades EST

Micael Vier Behs – Doutor em Comunicação – Unisinos

*Dedico esta pesquisa às
comunidades que têm suas vozes
silenciadas pelas estruturas
“comunicacionais”.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus Pai e Mãe, que desafia à busca da Justiça e da Paz.

Agradeço a minha família, suporte em minhas decisões.

Agradeço a minha irmã Katia, que possibilitou minha matrícula no processo seletivo.

Agradeço às comunidades da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB), lugar onde reside minha reflexão teológica.

Agradeço às pessoas camaradas do PSOL, por compartilharem outra realidade.

Agradeço ao corpo docente da EST, qualificador e aperfeiçoador de aprendizagens.

Agradeço ao Prof. Dr. Valério Guilherme Schaper, que acompanhou e orientou a reflexão.

Agradeço ao Instituto Sustentabilidade América Latina e Caribe (InS), espaço de inspiração desta dissertação.

Agradeço aos e à companheira de república, que em fervorosas conversas ampliam as leituras acadêmicas e pessoais.

Agradeço ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pela valorização desta pesquisa e pela oportunidade da dedicação exclusiva à reflexão teológica.

Fraternas saudações!

Em nossa América Latina quando as palavras e as ações se cruzam nas ruas, não se cumprimentam porque não se reconhecem.

(Eduardo Galeano)

RESUMO

Introdução: Considera a relevância fundamental dos processos de comunicação para as organizações sociais, no que concerne aos contextos de disputa narrativa acerca das identidades autorreferenciadoras, e realiza a análise dos conceitos pertinentes à sustentabilidade. **Objetivo:** Conhecer a arquitetura dos processos de comunicação na sociedade civil, bem como seu funcionamento político e suas disposições catárticas algo próprio às comunidades de fé desde a contextualidade. **Metodologia:** Pesquisa bibliográfico-conceitual no intuito de construir referenciais próprios na compreensão da problemática em questão, qual seja, a comunicação como fenômeno humano e social. Ao longo da pesquisa, foram feitas incursões na lógica argumentativa do pensador italiano Antônio Gramsci, e de seus intérpretes, com objetivo de colher aproximações a respeito do trato teórico dispensado a determinadas práticas sociais acerca da comunicação e como elas são processadas conceitualmente. **Resultados:** A comunicação é tanto uma forma narrativa acerca das organizações sociais quanto uma forma de se autorreferenciar o papel que elas exercem sobre os contextos imediatos. A fluência da comunicação está submetida às formas de organização estética dos elementos funcionais da linguagem, bem como sua interação à necessidade das formas de autocompreensão diante da contextualidade temporal. As formas específicas que substanciam a comunicação na modernidade são organizadas por meio do processo que submete os indivíduos a um egoísmo privatizador próprio à ideia de que o ser humano é responsável único por sua existência, ignorando-se os aspectos coletivos da produção humana dos sentidos, isto é, o caráter social das relações humanas. Nesse sentido, o conceito de *catarse*, buscado em Gramsci, é referenciado nesta pesquisa como possibilidade de compreensão acerca do processo pelo qual os sujeitos colocados em situações de dominação e passividade, sociabilizados dentro dos valores metabólicos do egoísmo liberal da sociedade capitalista, podem passar a uma situação de autonomia consciente eticamente envolvida com a coletividade. **Conclusões:** A comunicação é uma atividade colaborativa que, por meio da *catarse*, autorreferencia a identidade social de um determinado grupo humano em contextualidade específica, condicionando a conotação dos seus significados à sustentabilidade como sua melhor *performance* à superação do egoísmo privatizador da experiência social.

Palavras-chave: Comunicação. Sustentabilidade. Antônio Gramsci. Catarse. Comunidade.

ABSTRACT

Introduction: It considers the fundamental relevance of the communication processes for the social organizations, as they relate to the contexts of narrative dispute about the self-referenced identities, and it carries out an analysis of the concepts pertinent to sustainability. **Goal:** Get to know the architecture of the communication process in civil society, as well as its political functioning and its cathartic dispositions which are something specific to faith communities from the perspective of contextuality. **Methodology:** Bibliographic-conceptual research with the intent of constructing specific referentials for the comprehension of the problem at issue, that is, communication as a human and social phenomenon. Throughout the research, incursions were made into the argumentative logic of the Italian thinker, Antônio Gramsci, and of his interpreters, with the goal of gathering approximations with respect to the theoretical approach to certain social practices related to communication and how they are conceptually processed. **Results:** Communication is both a narrative form of the social organizations as well as a way to self-reference the role they exert on the immediate contexts. The fluency of the communication is submitted to the forms of esthetic organization of the functional elements of language, as well as their interaction with the need of forms of self-comprehension faced with temporal contextuality. The specific forms which substantiate the communication in modernity are organized through a process which submits the individuals to a privatizing egotism specific to the idea that the human being is the only one responsible for its existence, ignoring the collective aspects of the human production of meanings, that is, the social character of human relations. In this sense, the concept of *catharsis*, sought in Gramsci, is referenced in this research as a possibility of comprehension of the process through which the subjects placed in situations of domination and passivity, socialized within the metabolic values of liberal egotism of the capitalist society, can go on to a situation of conscious autonomy involved with the collectivity. **Conclusions:** Communication is a collaborative activity which, through *catharsis*, self-references the social identity of a certain human group in a specific contextuality, conditioning the connotation of its meanings to sustainability as its best *performance* to overcoming the privatizing egotism of the social experience.

Keywords: Communication. Sustainability. Antônio Gramsci. Catharsis. Community.

LISTA DE ABREVIATURAS

CEBI	Centro de Estudos Bíblicos
CEBS	Comunidades Eclesiais de Base
EST	Faculdades EST
FLM	Federação Luterana Mundial
IECLB	Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil
InS	Instituto Sustentabilidade América Latina e Caribe
MEC	Ministério de Educação e Cultura
OSCS	Organizações da Sociedade Civil
PPG	Programa de Pós-Graduação
REJU	Rede Ecumênica da Juventude
UNISINOS	Universidade Vale do Rio dos Sinos

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	21
1 A RELEVÂNCIA DOS PROCESSOS DE COMUNICAÇÃO NAS ORGANIZAÇÕES DA SOCIEDADE CIVIL	25
1.1 A relevância da comunicação	26
1.2 Contribuições do pensamento gramsciano	29
1.3 O processo catártico	36
1.4 Comunicação e catarse	42
2 PROCESSOS DE COMUNICAÇÃO CONSTITUÍDOS DE FORMA DEMOCRÁTICA E COLABORATIVA	49
2.1 Processos colaborativos desde as ciências sociais	49
2.2 Processos colaborativos desde a teologia	54
2.3 Processos colaborativos desde os aportes do Instituto Sustentabilidade	63
3 COMUNICAÇÃO COMUNITÁRIA	69
3.1 Comunicação e constituição de comunidade	70
3.2 Breve historicização da Comunicação Comunitária	76
3.3 Contextualização da comunicação comunitária	82
CONCLUSÃO	89
REFERÊNCIAS	97

INTRODUÇÃO

Diariamente o complexo sistema de comunicação criado ao longo da modernidade conecta pessoas por meio da partilha de experiências em meio à convivialidade comunitária e social. Esses processos comunicativos são transversalizados por construções comunitárias emancipatórias e proporcionam diferentes recortes acerca da realidade e, portanto, acabam por oxigenar as instituições e as organizações sociais. Trata-se de processos que se ampliam a cada dia. Não se estancam e nem se enrigem porque constituem uma necessidade humana ontológica, isto é, a comunicação entre indivíduos e comunidades se processa como necessidade humana fundamental para a sua sobrevivência, e mesmo como eixo de organização sistêmica de elaboração de autorreferencialidade. Isso quer dizer que um grupo social, por exemplo, passará à existência social por meio de um evento que precisa ser “comunicado” para vir à existência. Justificar-se e se manter vivo, como indica a origem da palavra *comunicação*, que vem do Latim *communicatio*, “ato de repartir, de distribuir”, literalmente “tornar comum”, de *communis*, “público, geral, compartilhado por vários”; um evento sem sua respectiva comunicação não existirá.¹ Sem esta característica, o próprio Evangelho de Jesus, que é a Boa Notícia, se restringiria ao círculo mais próximo do mestre de Nazaré.

Neste sentido, esta pesquisa tem como objeto de análise a temática da comunicação enquanto meio responsável por constituir, manter e, em determinadas situações, auxiliar a emancipação das mais diferentes experiências comunitárias. Nela o estudo está voltado para o caráter político-social da comunicação, ocupando-se com os processos de comunicação como cooperadores na construção da autorreferencialidade voltada à sustentabilidade organizacional. O cerne da análise está relacionado à passagem do processo pelo qual os sujeitos colocados em situações de dominação e passividade, sociabilizados dentro dos valores metabólicos do egoísmo liberal da sociedade capitalista, passam a uma situação de autonomia consciente eticamente envolvida com a coletividade, processo esse designado pelo

¹ PINHEIRO, Daíse Cristina de Sá. *O papel do plano de comunicação preventivo em momento de crise na organização*. Monografia. 58 f. (Graduação) - Curso de Comunicação Social, Habilitação em Jornalismo, Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia da Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2005. Disponível em: <<https://repositorio.bc.ufg.br/bitstream/ri/4451/5/TCCG%20-%20Jornalismo%20-%20Da%20C3%ADse%20Cristina%20de%20S%C3%A1%20Pinheiro.pdf>>. Acesso em: 13 jul. 2018.

pensador italiano Antônio Gramsci de *catarse*. Compreende-se a vinculação entre uma consciência colonizada pelo egoísmo liberal da modernidade, construído como uma teoria ontológica a respeito dos sentimentos morais próprios ao desenvolvimento da sociedade capitalista, e a sua conseqüente superação a partir de uma consciência mais coletivista, mais responsável diante das antinomias dos processos de industrialização, desde os processos de *catarse* os quais permeados pela comunicação como *modo autorreferencial de sustentabilidade*, uma vez que é por meio da construção social dos discursos e seus meios de divulgação que um determinado grupo humano se coloca no *mundo-em-relação-ao-outro*.

Mais propriamente, intenta-se analisar, no presente trabalho, a comunicação comunitária como algo que transcende a simples transmissão de informações e de comunicados objetivantes, perfazendo leituras de mundos que produzem determinados mundos, constituindo maneiras de existir comunicativas que priorizem a vivência ético-coletiva, constituindo jeitos cotidianos de autorreferencialidade próprios ao desafio de responder sempre e continuamente à questão: quem somos nós?

A presente pesquisa surgiu da percepção que a lida no Instituto Sustentabilidade - América Latina e Caribe (InS), sediado na Faculdades EST (EST) me possibilitou como membro de sua equipe há alguns anos, pois pude notar a grande relevância que a sustentabilidade possui para os processos auto-organizatórios da sociedade civil organizada e não organizada. No InS participo das reflexões sobre os modelos e as formas de pensar e de construir para a sustentabilidade nas igrejas-membro da Federação Luterana Mundial (FLM). Parte destas reflexões está organizada em torno dos processos de comunicação que são apresentados como responsáveis pela visibilidade pública das ações e das atividades do InS; em outras palavras, a comunicação como meio fundamental à função de prestadora de contas junto ao seu “grupo base” e às organizações doadoras internacionais. Essa percepção levou-me a visualizar os processos de comunicação como critério fundador ao exercício de liderança sustentável e como interlocutores entre os e as cooperadoras, bem como com a sociedade em geral. Além disso, cumpre referenciar também a experiência como facilitador da Rede Ecumênica da Juventude (REJU) no biênio 2014-2015, em que participei ativamente de sua comunicação pública na elaboração de textos e imagens, e na construção da reflexão em torno do trabalho em redes,

perspectiva que atua democraticamente e dinamicamente no exercício de processos comunicacionais. Além destas, era encarregado de publicar e gerenciar o site do Centro de Estudos Bíblico (CEBI), organização que atua em perspectiva nacional na formação e realização de atividades relacionadas à Leitura Popular da Bíblia.

Considerando as questões postas acima acerca da comunicação, o resultado a que se chegou neste processo de pesquisa se estabelece da seguinte maneira: a comunicação se constitui como ato político crucial para a mobilização de recursos simbólicos contextuais buscando a sustentabilidade tanto dos Movimentos Sociais quanto das Organizações Não Governamentais, perfazendo a tríade *ego > alter > mundus* como processo interacional de indivíduos postos no mundo. Nesse sentido, comunicação é o processo de tornar "visíveis" e "conhecidas", desde os vários elementos da linguagem e suas funções, as demandas e lutas sociais ou as conquistas do trabalho realizado, posicionar-se publicamente e, assim, fazer presente o processo de interlocução e credibilidade em face aos diversos setores sociais que estão relacionados com a organização de tipo humana.

É por meio deste contexto que se atribui a justificativa de que cada vez mais a comunicação ganha novas interpretações, e é nesta perspectiva que se compreende a comunicação como estratégia político-social específica aos grupos humanos à ação em busca de transformação das realidades, e da gestão de processos de sustentabilidade na busca da emancipação comunitária. Conotativa e autorreferenciadamente a esse viés interpretativo, sustenta-se que é por meio da busca de elementos próprios à superação de uma lógica egoística liberal que a sustentabilidade de comunidades e organizações sociais encontram maneiras de permanecer e existir, pautando-se por experiências comunicativas que priorizem a vivência ético-coletiva.

Para demonstrar a perspectiva afirmada acima, o argumento da pesquisa está organizado e apresentado em quatro capítulos. Inicialmente, analisa-se a influência e a relevância dos processos de comunicação na constituição da sociedade contemporânea. Neste capítulo primeiro, buscou-se nas interpretações de Antônio Gramsci a perspectiva acerca da comunicação como processo político e, portanto, constituidor de uma ética à política como campo próprio de disputas narrativas. No segundo capítulo, considera-se a percepção de como ocorrem os processos de validade e legitimidade das organizações, refletindo-se a respeito de com os

processos colaborativos são responsáveis por constituir a pertença e o envolvimento dos agentes envolvidos nos processos comunicativos. No terceiro capítulo, abordou-se a comunicação comunitária desde um conceito que toma a comunidade a partir de concepções teológicas, analisando o surgimento e o interesse da comunicação comunitária enquanto promotora e articuladora das comunidades de fé e, conseqüentemente, da sustentabilidade como discursividade autorreferencial acerca da identidade eclesial pautada pelo Evento fundador da fé, o Evento Cristo! Por fim, buscou-se sistematizar a pesquisa apontando alguns aspectos e dimensões práticas para a atualização e constituição de processos comunicacionais emancipatórios para dentro das comunidades de fé.

1 A RELEVÂNCIA DOS PROCESSOS DE COMUNICAÇÃO NAS ORGANIZAÇÕES DA SOCIEDADE CIVIL

TECENDO A MANHÃ

*Um galo sozinho não tece uma manhã: ele precisará sempre de outros galos. De um que apanhe esse grito que ele e o lance a outro: de outro galo que apanhe o grito que um galo antes e o lance a outro;*²

O Instituto Sustentabilidade da América Latina e do Caribe (InS)³, que tem por missão: “contribuir na formação e no desenvolvimento das capacidades de pessoas, comunidades e igrejas para a sustentabilidade organizacional”,⁴ assinala que os processos de comunicação são uma das estratégias utilizadas para a concretização de suas atribuições.⁵ Esta estratégia é uma das respostas à busca das comunidades da IECLB e das igrejas-membro da FLM, que percebem na comunicação uma das ferramentas para a implementação e construção de sua sustentabilidade organizacional.

Em uma primeira análise, essas demandas adjetivam a comunicação como parte da sustentabilidade organizacional e, portanto, relevantes para as organizações da sociedade civil (OSCS).⁶ Para compreender esta relevância é necessário

² MELO NETO, João Cabral de. Tecendo a manhã. In: CABRAL. *Antologia poética*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979. p. 17. A citação é uma parte do poema referenciado, que será citado em cada um dos três primeiros capítulos, sendo que no último realizaremos uma análise da obra sistematizando a reflexão da pesquisa.

³ Instituto Sustentabilidade da América Latina e do Caribe (INS) é sediado na Faculdades EST (EST) e atua junto das igrejas evangélicas luteranas presentes na América Latina e no Caribe. Concretamente o INS é constituído pela Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) e pela Federação Luterana Mundial (FLM). Enquanto instituto acadêmico, atua no campo da pesquisa e desenvolvimento de capacidades frente aos desafios da sustentabilidade das igrejas e comunidades luteranas.

⁴ INSTITUTO SUSTENTABILIDADE AMÉRICA LATINA E CARIBE. *Quem somos*. Disponível em: <<http://sustentabilidad.est.edu.br/quemsomos/>>. Acesso em: 15 dez. 2017.

⁵ DRIAU, Gustavo; CUYATTI, Patricia; SCHAPER, Valério (Orgs.). *Con confianza en el porvenir: testigos de la caminada*. São Leopoldo: Faculdades EST; Instituto Sustentabilidade América Latina e Caribe, 2016. p. 116.

⁶ Entende-se por organizações sociais toda ou qualquer estrutura organizada para um fim específico, a saber: igrejas, comunidades, organizações da sociedade civil, ou, instituições do terceiro setor. Mais especificamente o local a ser determinante nas leituras e que está em plano de fundo na discussão é a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) em sua atribuição de Organização da Sociedade Civil (OSC). A Lei n. 13.019 de 2014, alterada pela Lei n. 13.204 de 2015, estabelece as organizações religiosas como OSC e podem ser definidas como “entidades que se afirmam como fruto da organização autônoma da sociedade, com objetivos de promoção e defesa de direitos”. OBSERVATÓRIO DA SOCIEDADE CIVIL. *Tudo que você precisa saber antes de escrever sobre ONGs*. Disponível em: <http://observatoriosc.org.br/wp-content/uploads/2016/10/Cartilha-para-jornalistas-web_CERTO.pdf>. Acesso em: 11 mar. 2018. Cabe ressaltar ainda, as Organizações da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIPI), estas por sua vez são certificadas pelo Estado permitindo a elas a busca por investimentos do setor público,

primeiramente entender a dinâmica dos processos de comunicação, enquanto constituidores e mantenedores das organizações sociais, em nossa história imediata.⁷

1.1 A relevância da comunicação

Na sociedade moderna, os processos comunicacionais são instrumento de legitimação⁸ e validade de sua essência capitalista, patriarcal, racista e sexista, e são assegurados pela influência das grandes corporações midiáticas que respondem diretamente à classe dominante.⁹ Os aportes de Antônio Gramsci sobre a manutenção do sistema capitalista são úteis em relação à influência das grandes corporações midiáticas. Para o pensador italiano, o processo de manutenção da classe dominante sobre a classe subalterna não ocorre apenas pelo domínio dos meios de produção, mas sim por conta de um complexo modelo comunicacional, que tem por interesse justificar e legitimar o poder da classe dominante.¹⁰

Toda relação hegemônica é necessariamente uma relação pedagógica e é verificada não apenas dentro de uma nação, mas, sim, nas diversas forças que a compõem e desta forma em todo o campo internacional e mundial nos complexos sistemas civilizatórios nacionais e continentais. (tradução nossa).¹¹

e são regulamentadas pela Lei n. 9.790 de 1999. CARDOSO, Univaldo Coelho; CARNEIRO, Vânia Lúcia Nogueira; RODRIGUES, Édna Rabelo Quirino. *OSCIP: Organização da Sociedade Civil de Interesse Público*. Brasília: Sebrae, 2014. p. 12.

⁷ Compreendemos por história imediata as construções que foram desenvolvidas por Tobias Peucer na universidade de Leipzig. Ele denomina por história imediata o período de tempo presente e define que na análise da realidade não se deve restringir à interpretação do discurso dos outros; “o próprio pesquisador é uma testemunha do desenrolar da história”. MARCILIO, Daniel. O Historiador e o Jornalista: A História imediata entre o ofício historiográfico e atividade jornalística. *Aedos*, Porto Alegre, v. 5, n. 15, p. 42-63, jan./jul. 2013. É através desta dimensão que pontuamos nossa leitura sobre a realidade, e da mesma forma, na construção da dissertação cabe destacar que as leituras e as concepções construídas são oriundas da reflexão teológica. O autor e a orientação da dissertação possuem sua trajetória de formação exclusivamente no ambiente teológico. O exercício da análise social a seguir tem em seu objetivo e em sua análise a teologia enquanto saber humano, portanto, relacional e interdisciplinar, como pontua SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph. A Teologia e as Outras Ciências. *Estudos teológicos*, São Leopoldo, v. 36, n. 3, p. 253, 1996.

⁸ YAMAMOTO, Eduardo Yuji. O discurso comunitário: ideologia e interpretação. *Em Questão*, Porto Alegre, v. 14, n. 1, p. 25-40, jan./jun. 2008.

⁹ GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere*. v.2: Os intelectuais. O princípio educativo. Jornalismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. p. 202.

¹⁰ GRAMSCI, Antônio. *Concepção dialética da história*. 3.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978. p. 9.

¹¹ “Toda relación de ‘hegemonía’ es necesariamente una relación pedagógica y se verifica no sólo dentro de una nación, entre las diversas fuerzas que la componen, sino en todo el campo internacional y mundial, entre complejos de civilización nacionales y continentales”. GRAMSCI, Antonio. *Introducción a la filosofía de la praxis*. Barcelona: Edicions 62, 1970. p. 24. Todas as traduções que seguem foram realizadas por nós.

Como vemos, a classe dominante se utiliza de um complexo sistema pedagógico, que é instaurado por processos comunicativos a fim de assegurar seu poder social. A citação nos apresenta um segundo aporte: que o sistema capitalista opera de forma internacional,¹² e dessa forma, as leituras de mundo do grupo dominante precisam estar em acordo com as diversas partes da estrutura do sistema capitalista. Essas estruturas são as responsáveis por manter ativa e operante a leitura de mundo da classe dominante e se expressa nas mais distintas organizações privadas, como as escolas, as igrejas e os meios de comunicação:

Vemos assim a ideologia das classes ou da classe dominante chegar à classe subalterna, operária e camponesa, por vários canais, através dos quais a classe dominante constrói a própria influência ideal, a própria capacidade de plasmar as consciências de toda a coletividade, a própria hegemonia. Um desses canais é a escola.¹³

Sendo assim, os processos comunicativos são uma das forças que a classe dominante utiliza para manter o poder e ditar sua moral e sua concepção de mundo. Para Gruppi, “a hegemonia, portanto, não é apenas política, mas é também um fato cultural, moral de concepção do mundo”,¹⁴ sua perspectiva considera que os processos comunicacionais são instrumentos para a constituição de outras leituras de mundo, e desta forma são construídos a partir da disputa entre diferentes protagonistas sociais.

Ao perceber a comunicação como disputa de interesses e de leituras de mundo, o pensamento gramsciano situa a comunicação em um plano político. Sendo assim, ela é constituída desde as relações sociais de seus e suas partícipes. Isto possibilita a superação do senso comum que percebe a comunicação como um lugar neutro de transmissão de informações (transmissão) e a aloca no espaço de construção (processos). Dessa maneira, a comunicação passa a ter uma dimensão processual, tornando-se um lugar no qual a construção democrática é possível.

A comunicação enquanto instauradora de processos sociais é sinalizada na reflexão que Terezinha Puntel apresenta em torno da comunicação no processo da reforma protestante:

¹² MANDEL, Ernesto. *O capitalismo*, 1981. Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/mandel/1981/mes/capitalismo.htm>>. Acesso em: 06 jun. 2018.

¹³ GRUPPI, Luciano. *O conceito de hegemonia em Gramsci*. 2.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1978. p. 68.

¹⁴ GRUPPI, 1978, p. 73.

Lutero e o movimento da Reforma, desse modo, articulavam-se estreitamente com os então emergentes meios de comunicação impressos, especialmente panfletos, mais baratos, mais rápidos de produzir e mais fáceis de circular, e a publicação de murais em igrejas e praças públicas. Desse modo, a imprensa, no período da Reforma, atuava como “um meio de sinalização social e abertura pública da religião; distribuição do conteúdo religioso e teológico; mobilidade da Igreja para novas formas comunicacionais”. O próprio “envolvimento do povo na Reforma foi tanto causa quanto consequência da participação da mídia”. Teologia e comunicação passavam a se articular fortemente.¹⁵

A reflexão da freira Paulina apresenta a relação íntima que a teologia e os processos comunicacionais desenvolvem, para isso, ela levanta características históricas e aloca o êxito do processo da reforma protestante a esta articulação. Ainda a respeito da importância dos meios de comunicação em face a seus desdobramentos políticos, o teólogo Daniel Souza ao analisar os sermões do ícone da teologia latino-americano Dom Oscar Romero aponta que:

Ao assumir uma interpretação sobre a articulação entre religião e política para além da separação rígida entre público e privado, aproximo-me das homilias de Dom Oscar Romero. À escolha dos seus sermões se deve a hipótese central deste artigo. O púlpito é político, as homilias colocam-se na arena da pólis e nas disputas de poder que estruturam as religiões e a organização da sociedade.¹⁶

Sendo o púlpito um dos lugares centrais no processo de constituição da comunicação dentro do ambiente religioso, ele é o local apropriado para a discussão bem como a indagação a respeito das políticas e da política. Da mesma forma, ele é o espaço para a indagação e a motivação para a construção de outra realidade. Ao seguir a análise, Daniel aponta que para Dom Oscar Romero:

[A] relação entre poder e comunicação não é recente. Há uma articulação construída sobre o ímpeto da repressão e da militarização que relaciona o poder executivo, o poder judiciário, o poder legislativo, as dimensões da economia e os meios de comunicação. É como se o controle se desse em todos os âmbitos da vida, ocasionando uma diminuição nas possibilidades e nos espaços para a resistência. Como salienta Monsenhor Romero, “a igreja tem experimentado com o povo essa marginalização. Quantas coisas queremos publicar e não há lugar porque ofendem à opressão e à repressão”. Mas esse falseamento não se dá apenas pela construção de imaginários a partir dos meios de comunicação. A religião também cumpre o seu papel no

¹⁵ PUNTEL, Joana; SBARDELLOTTO, Moisés. Da Reforma Histórica à “Reforma Digital”: Desafios Teológicos Contemporâneos. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 57, n. 2, p. 352, jul./dez. 2017.

¹⁶ SOUZA, Daniel. Religião e/é política: as homilias de Dom Oscar Romero no cenário de resistência e libertação salvadorenha. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 56, n. 2, p. 295, jul./dez. 2016.

fortalecimento da violência institucionalizada e na permanência da repressão e da militarização dos corpos e dos territórios.¹⁷

Através da análise do teólogo é passível a leitura de que por vezes a própria estrutura da igreja é responsável por articular de forma consciente a realidade opressora do sistema capitalista. Para tanto reinventar a igreja, bem como a constituição de seus processos de comunicação é um entrave central na busca de outra realidade. Dessa maneira, podemos apontar como primeiro aspecto na constituição da comunicação é a influência direta que ela possui na constituição da sociedade moderna. Sendo ela um fator constitutivo do ambiente religioso bem como das organizações da sociedade civil, cabe então analisar maneiras e mecanismos para a constituição de processos comunicacionais que rompam esta lógica e que busquem em seu processo de construção a sustentabilidade organizacional.

Comunicação para a emancipação e sustentabilidade das comunidades, igrejas e organizações sociais é,¹⁸ em primeiro lugar, compreender os processos comunicacionais como o *locus*¹⁹ para a radicalização da democracia. Para tanto, faz-se necessário perceber a relevância dos processos de comunicação na formação, gestão e organização da sociedade atual. Essa leitura possibilita transpor o processo comunicacional informativo e performático do modelo capitalista para um processo “responsável” e a seu modo dinamizador da mobilização, credibilidade e interlocução das organizações sociais, ou, como Gramsci defende, a comunicação como processo “catártico”.

1.2 Contribuições do pensamento gramsciano

Hugo Assmann e Reyes Mate, na obra intitulada “Sobre la Religión”, sinalizam que na construção do pensamento gramsciano a religião é um tema central; na análise, o pensador incentiva a aproximação política ao âmbito religioso e na análise

¹⁷ SOUZA, 2016, p. 301.

¹⁸ INSTITUTO SUSTENTABILIDADE. *Documento fundante*. Disponível em: <http://sustentabilidad.est.edu.br/sigak_publico/downloads/Instituto_de_Sustentabilidade.pdf>. Acesso em: 06 Jul. 2018.

¹⁹ Palavra do latim traduzida como *lugar*. Para a psicologia o termo é utilizado a fim de definir qual força determina a vontade da pessoa, reconhecendo assim que ela é constituída pela sociedade e deste modo pode atuar em detrimento da sociedade, ou em detrimento de si mesma. O termo também é utilizado a partir de Durkheim para definir que o indivíduo na sociedade é determinado por conta das normas, costumes, crenças e valores sociais. Para ambas as concepções ocorrem conflitos e/ou logros na relação indivíduo X sociedade.

das estruturas eclesiais.²⁰ Outro ponto em destaque é que os seus escritos aportam para a tradição religiosa, no seu caso, especificamente o catolicismo, como um bloco ideológico capaz de motivar e movimentar as distintas camadas sociais para a construção de outra realidade. Outra característica que os autores apontam é a importância que Gramsci dá à análise histórico crítica para dentro do contexto religioso e das crenças populares.²¹

É justamente na aproximação que Gramsci desenvolve a respeito da análise histórica crítica do fenômeno religioso,²² que o pensador entra em cena nesta dissertação. Para ele, o sujeito filosófico (tratado posteriormente) é sempre um articulador das diversas forças que mantêm articulada a sociedade, do mesmo modo a própria estrutura religiosa.²³ Na busca por uma igreja que fomente e, ao mesmo tempo, seja o espaço para a construção de novas leituras de mundo e de sujeitos emancipados, os quais são os atores e atrizes capazes e responsáveis pela sustentabilidade dos espaços religiosos da mesma maneira que são os corresponsáveis pelos processos de comunicação emancipatória que promovem e legitimem o próprio ambiente religioso. Ou seja, na dinâmica de desenvolver e constituir processos organizativos democraticamente no ambiente religioso é que os aportes de Gramsci são necessários. Pensar uma igreja que comunica é pensar em uma igreja organizada através de uma dinâmica política e democrática.

O pensamento de Antonio Gramsci é dividido em antes e depois de sua prisão em 1926. Em liberdade, ele atua como militante político e produz, de forma jornalística, distintas análises sobre sua época. Nesses conteúdos, ele utiliza tanto a prática do convencimento como a da crítica social e política; em outras palavras, seus conteúdos eram disseminadores do marxismo revolucionário, ao mesmo tempo em que se tornavam um espaço de análise crítica. Neste período, ele conhece os textos básicos de Marx e de Lênin, que o ajudam na elaboração de seu pensamento durante o cárcere.²⁴

²⁰ ASSMANN, Hugo; MATE, Reyes. *Sobre la religión II*. Salamanca: Sígueme, 1975. p. 504.

²¹ ASSMANN; MATE, 1975, p. 505.

²² ASSMANN; MATE, 1975, p. 506.

²³ ASSMANN; MATE, 1975, p. 509.

²⁴ GRAMSCI, Antonio. *La formación de los intelectuales*. Mexico: Grijalbo, 1967. p. 9-17.

Durante sua prisão, ele redige os chamados “Cadernos do Cárcere”, escritos que contêm a reflexão final²⁵ do filósofo.²⁶ Para compreender a trajetória do pensador é necessário conhecer a história do Partido Comunista Italiano e suas discussões internas. Uma delas é a respeito do abismo entre tática e estratégia, em outras palavras, a respeito do dilema entre “reforma e revolução”.²⁷ Em resposta a esse dilema, seus escritos finais vêm ao encontro para responder a dificuldade da implementação do socialismo nas sociedades capitalistas.

Destarte, o autor reflete a respeito do papel ideológico e estratégico da sociedade civil e compreende que o motivo do fracasso na implementação do socialismo é por conta da estratégia utilizada.²⁸ Para ele, é necessária uma “guerra de posição”, este termo expressa que a transformação da sociedade ocorre de forma gradual, e deve ser executada através de um movimento de subversão e posição ao sistema capitalista, a fim de gestar várias batalhas de forma gradativa na sociedade organizada.²⁹ As classes subalternas deveriam apropriar-se do movimento político da classe dominante com o intuito de subvertê-la, invertê-la ou modulá-la.³⁰

Dessa maneira, ele se opõe ao modelo da guerra de movimento, em cuja conquista estaria presente apenas o domínio da sociedade política em um só golpe, ou seja, no domínio da estrutura de poder.³¹ Ele caracteriza que a transformação da sociedade perpassa pela cultura, sendo que ela é a responsável por construir valores e determinar preceitos que naturalizam determinada forma de poder.³²

Coutinho, relendo Gramsci, afirma que:

A cultura lhe aparece, conforme podemos ver na última citação, como um meio privilegiado de superar o individualismo, de despertar nos homens sua consciência universal. E a batalha das idéias liga-se ainda no jovem Gramsci a uma concepção integral, ampla, do socialismo: Os socialistas - diz ele em 1917 - não devem substituir uma ordem por outra. Devem instaurar a ordem

²⁵ Gramsci redige diversos textos que estão em constante relação com sua realidade, sendo encontradas mudanças significativas nas abordagens de seu pensamento, a referência faz alusão aos textos escritos antes de sua morte.

²⁶ COUTINHO, Carlos N. *Gramsci: um estudo sobre seu pensamento político*. Rio de Janeiro: Campus, 1992. p. 1.

²⁷ COUTINHO, 1988, p. 6.

²⁸ ANDERSON, Perry. *Las antinomias de Antonio Gramsci*. Barcelona: Fontamara, 1981. p. 12-15.

²⁹ ANDERSON, 1981, p. 54.

³⁰ COUTINHO, Carlos N. *Gramsci: um estudo sobre seu pensamento político*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999. p. 157-164.

³¹ SIMIONATTO, Ivete. *Gramsci: sua teoria, incidência no Brasil, influência no serviço social*. São Paulo: Cortez, 1995. p. 40.

³² ACANDA, J. L. *Sociedade civil e hegemonia*. Rio de Janeiro: EdUFRJ, 2006. p. 201-202.

em si. A máxima jurídica que querem realizar é: possibilidade de realização integral da própria personalidade humana como algo concedido a todos os cidadãos.³³

Gramsci também ofereceu uma contribuição inovadora para o desenvolvimento do materialismo histórico, graças a sua reflexão de infraestrutura e de superestruturas ideológicas.³⁴ Em sua concepção de materialismo histórico, o pensador quer superar o materialismo maniqueísta ou o idealista negando o materialismo como uma tendência ortodoxa, mecanicamente organizada e, desta forma, positivista. Por outro lado, ele não aceita que a filosofia seja feita de forma fragmentada sobre a realidade, para que seja vista através de especulações que isolam parte da realidade tornando-a fruto de ideias “desconexas”, como defende Croce.³⁵

Para Coutinho, o filósofo italiano transpõe o materialismo vulgar ou o especulativo para uma dialética complexa e concreta da realidade. Através desta concepção, Gramsci redescobre o conceito de bloco histórico, termo usado para definir a estrutura global, na qual estão inseridos os mais distintos momentos dialéticos e, assim, a estrutura econômica e as superestruturas ideológicas.³⁶ Esta análise retoma a concepção marxista, na qual sujeito e objeto são momentos relativos à *práxis*, relativos à atividade histórica do ser humano.³⁷ Portanto, para o pensamento gramsciano objeto e sujeito estão inseparavelmente ligados. Assim ele estabelece o marxismo como filosofia da *práxis*, compreendida por ele desde a sentença de que cada pessoa é um ser filosófico.³⁸

Em seu livro, *El materialismo histórico y la filosofía de Benedetto Croce*, Gramsci defende que:

³³ COUTINHO, 1992, p. 8.

³⁴ O pensamento de Gramsci é marcado pela concepção de *superestruturas ideológicas*, um de seus principais aportes ao marxismo revolucionário, que tem a sua centralidade na esfera da política e da cultura, ao referir-se a *infraestrutura* compreende-se como a estrutura de forças produtivas e relações sociais de produção.

³⁵ Esta discussão é apresentada no livro GRAMSCI, Antônio. *El materialismo histórico y la filosofía de Benedetto Croce*. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 1971. De forma resumida pode ser encontrada na contraposição que Gramsci faz, citando Santo Tomás, *Intellectus specullativus extensione fit practicus* (a teoria por simples extensão torna-se prática – necessidade da relação entre as ideias e a ação) em resposta a Croce, *Verum ipsum factum* (conhecer é fazer).

³⁶ COUTINHO, Carlos N. Introdução. In: GRAMSCI, Antonio. *Concepção dialética da história*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978. p. 4.

³⁷ GRAMSCI, Antonio. *Obras escolhidas*. Lisboa: Estampa, 1974. p. 92; 114-115.

³⁸ GRAMSCI, 1970, p. 8.

Deve-se destruir o preconceito, muito difundido, de que a filosofia seja algo muito difícil pelo fato de ser uma atividade intelectual própria de uma determinada categoria de cientistas especializados ou de filósofos profissionais e sistemáticos. Deve-se portanto, demonstrar preliminarmente, que todos as pessoas são 'filósofos', definindo os limites e as características desta 'filosofia espontânea' peculiar a 'todo mundo', isto é, da filosofia que está contida: 1) na própria linguagem, que é um conjunto de noções e de conceitos determinados e não, simplesmente, de palavras gramaticalmente vazias de conteúdo; 2) no senso comum e no bom-senso; 3) na religião popular e, conseqüentemente, em todo o sistema de crenças, superstições, opiniões, modelos de ver e de agir que se manifestam naquilo que se conhece geralmente por "folclore". Após demonstrar que todos são filósofos (...) passemos ao segundo momento, ao momento da crítica e do conhecimento [consciência].³⁹

Como podemos ver, ele conclui que qualquer pessoa é filósofa, pois contém um arquipélago de construções sociais que a precedem. O autor define este conjunto em três momentos: no fato da pessoa ter uma linguagem, e assim ela possui um conjunto de noções e de conceitos dotados de significado próprio; por ela possuir o senso comum e o bom senso. Dessa forma, cada pessoa possui uma noção ética e de construção moral específica de seu entorno social e, por último, por cada pessoa possuir, de forma direta ou indireta, um conjunto de crenças populares, sejam elas religiosas ou não. Mesmo que de forma inconsciente, toda pessoa reivindica e manifesta, através de sua linguagem, uma concepção específica de mundo.⁴⁰

Em torno dessa análise, Gramsci defende que toda pessoa possui uma concepção de mundo, e assim, cada um pertence a determinado grupo social que, por sua vez, partilha de certos elementos sociais que constituem sua própria concepção de mundo.⁴¹ Neste momento, ele questiona até que ponto a pessoa deve ou não construir uma filosofia crítica de sua realidade e destaca a importância de cada indivíduo refletir e optar, de forma consciente, sua própria concepção de mundo que

³⁹ "Es preciso destruir el muy difundido prejuicio de que la filosofía es algo sumamente difícil por ser la actividad intelectual propia de una determinada categoría de científicos especialistas o de filósofos profesionales y sistemáticos. Es preciso, por tanto, demostrar antes que nada, que todos los hombres son 'filósofos', y definir los límites y los caracteres de esta 'filosofía espontánea', propia de 'todo el mundo', esto es, de la filosofía que se halla contenida: 1) en el lenguaje mismo, que es un conjunto de nociones y conceptos determinados, y no simplemente de palabras vaciadas de contenido; 2) en el sentido común, y en el buen sentido; 3) en la religión popular y, por consiguiente, en todo el sistema de creencias, supersticiones, opiniones, maneras de ver y de obrar que se manifiestan en lo que se llama generalmente 'folclore'. Después de demostrar que todos son filósofos (...) se pasa al segundo momento, el dela crítica y el conocimiento (...)". GRAMSCI, 1971, p. 7-8.

⁴⁰ GRAMSCI, Antônio. *Concepção dialética da história*. 3.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978. p. 8-10.

⁴¹ GRAMSCI, 1970, p. 7.

irá viver e dessa maneira se manifestar socialmente. Em suas palavras isso ocorre quando o ser humano elabora sua própria concepção de mundo

elaborar a própria concepção de mundo de uma maneira crítica e consciente e, portanto, em ligação com este trabalho do próprio cérebro, escolher a própria esfera de atividade, participar ativamente na produção da história do mundo, ser o guia de si mesmo e não aceitar do exterior, passiva e servilmente, a marca da própria personalidade?⁴²

É determinado que a busca por novas concepções de mundo levaria as classes subalternas⁴³ à realização de ações, lutas e movimentos em oposição a concepção de mundo e de consciência moral e intelectual das que foram educadas, ou seja, da classe dominante. Desta forma, criar uma nova “cultura”, não é apenas gerar novas concepções individuais de mundo, é, talvez, socializar verdades já descobertas. Ou em outras palavras compartilhar as distintas leituras de mundo que a classe subalterna, ou os “sujeitos filosóficos” já construíram. Este é o processo que unifica as classes, e são a “base para ações vitais, em elemento de coordenação e de ordem intelectual e moral”.⁴⁴

Com esta leitura, é possível compreender sua perspectiva de que o marxismo não é meramente um saber acadêmico, antes disso, é uma filosofia da classe subalterna que organiza e “direciona a construção e a conquista de novos valores pelos movimentos” e lutas comunitárias, populares e sociais.⁴⁵ A dialética complexa e concreta da realidade leva a classe subalterna a construção de mecanismos para uma revolução (de forma gradual, constituindo valores diferenciados e instrumentalizado os processos organizativos já dominados pela classe opressora) da sociedade e da história humana.

Um último aspecto a ser destacado a respeito do pensamento gramsciano é sua contribuição sobre a formulação política, discussão chave para a compreensão entre comunicação e sustentabilidade. Na reflexão de Gramsci,

Desta forma, chega-se também à igualdade ou equação entre “filosofia e política”, entre pensamento e ação, ou seja, a uma filosofia da práxis. **Tudo**

⁴² GRAMSCI, 1978, p. 12.

⁴³ Gramsci também refere à classe dominada como classe subalterna.

⁴⁴ GRAMSCI, 1978, p. 13.

⁴⁵ GRAMSCI, 1978, p. 54.

é política, inclusive a filosofia ou as filosofias (ver notas sobre o caráter das ideologias), e a única “filosofia” é a história em ato, ou seja, a própria vida.⁴⁶

Destarte, a política é a base para a reflexão que Gramsci desenvolve. A partir da citação compreende-se a política como um fenômeno amplo e que diz respeito a um fator ontológico e, dessa forma, relacionada com todas as relações que influenciam a vida. Em outras palavras, no horizonte da comunicação, e já sabendo que Gramsci possui uma interpretação historicista da realidade, a política é o ponto em que as ações do sujeito são as responsáveis por construir uma nova dinâmica social. Arroga-se desta forma a comunicação como um processo político responsável por constituir e ampliar os saberes e as reflexões das organizações sociais, bem como influenciar de forma direta no processo democrático delas.

Desta forma, a comunicação tem um papel crucial para os processos organizativos das comunidades eclesiais, lutas populares e movimentos sociais, pois ela passa a ter um papel político de convencimento e de conquista das pessoas na busca de um objetivo comum, seja, uma cosmovisão teológica, ou mesmo, um projeto político partidário. Assim, voltamos a afirmar que a comunicação deve sempre estar atrelada à realidade histórico-social do seu local comunicacional.⁴⁷

Doravante, não basta que os meios de comunicação das organizações sociais forneçam conceitos e informações, o processo deve ser muito mais construtivo e exige uma leitura da comunicação como formação e construção política.

Não basta fornecer-lhe conceitos já elaborados e fixados em sua expressão “definitiva”; a concreticidade de tais conceitos, que reside no processo que levou àquela afirmação, escapa ao leitor comum: deve-se, por isso, oferecer-lhe toda a série dos raciocínios e das conexões intermediárias, de modo bastante detalhado e não apenas por indicações.⁴⁸

Percebemos que o ponto chave em seu argumento está na importância de gerar processos comunicacionais emancipatórios coerentes com a realidade da base social que estão imersos. A busca contra-hegemônica⁴⁹ passa constantemente pela construção de mecanismos comunicacionais que retratem outras realidades

⁴⁶ GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999. p. 246. *Grifo nosso*.

⁴⁷ GIANNOTTI, Vito. *Comunicação para disputa de hegemonia*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2014. p. 124.

⁴⁸ GRAMSCI, 2001, p. 202.

⁴⁹ Contra-hegemonia como habilidade que um grupo social possui de se unir em torno de um projeto político ideológico.

possíveis, e que estes processos comunicacionais apenas ocorrem se estão relacionados com uma base social que determina direção e objetivo comum.

Desta forma, os processos comunicacionais devem ser inseridos na dinâmica democrática, sendo um processo intrinsecamente relacionado com a realidade social. Assim, a política, a comunicação e a construção de sujeitos filosóficos arroga-se um novo patamar de reflexão onde Gramsci define como sendo o processo catártico do ser humano.⁵⁰

1.3 O processo catártico

O vocábulo *catarse* procede do grego *kátharsis* que expressa purificação, expurgo. Para a filosofia da Grécia antiga, ela é o meio no qual o indivíduo purifica sua alma através da representação na tragédia. Aristóteles define tragédia como drama, derivado da poética que consiste na interpretação das desventuras dos heróis que por conta de opções erradas passam da felicidade para a infelicidade, e esta atuação provoca na plateia emoções expurgando dela seus sentimentos.

Já para a filosofia estética de Lukács, a *experiência catártica*⁵¹ reflete traços essenciais da vida⁵² e quanto mais próximo o drama da realidade da pessoa mais catártica é a experiência. O autor define *catarse* como processo estético e ético que caracteriza o efeito da obra de arte sobre a pessoa.⁵³

Gramsci, de forma similar, define *catarse* como processo de apropriação e percepção da pessoa sobre a realidade ou o processo de libertação do ser humano das estruturas pré-definidas.⁵⁴ Ela ocorre quando o indivíduo passa de uma percepção do mundo de forma individual para a atuação e transformação da realidade. Ampliando a análise da reflexão, o filósofo entende que o processo catártico quer superar a lógica individualizante, egocêntrica e ditatorial da sociedade capitalista para uma lógica comunitária, democrática e sustentável.

⁵⁰ MALERBA, João Paulo. *Catarse e contra-hegemonia: contribuições gramscianas para a comunicação comunitária*. *Razón y Palabra*, México, v. 18, n. 86, abr./jun. 2014. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=199530728009>>. Acesso em: 03 jun. 2018.

⁵¹ Lukács parte da tragédia grega para definir o termo.

⁵² LUKÁCS, György. *Estética*. Problemas de la mimesis. 2.ed. México: Grijalbo, 1966. p. 510-512.

⁵³ LUKÁCS, György. *Introdução a uma estética marxista*. 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970. p. 268-269.

⁵⁴ GRAMSCI, 1974, p. 88.

Tal interpretação é resultado da leitura de Gramsci sobre a sociedade, que é demarcada pela complexidade das relações humanas, deste modo a história humana não é determinada apenas por fatores econômicos, antes disso, é uma complexa teia que envolve uma dinâmica dialética entre, por exemplo, momento econômico, momento ético-político, necessidade e a liberdade bem como o objetivo e o subjetivo.⁵⁵ Em outras palavras, a sociedade capitalista não se mantém articulada apenas por conta do domínio sobre os bens materiais e a linha de produção, mas sim por um complexo acervo ideológico e cultural que mantém a sociedade organizada.

A relação social passa de uma casualidade econômica para ocupar uma dinâmica entre sínteses e antíteses, a dizer que, a realidade histórica perpassa as dinâmicas espirituais e políticas da sociedade, ao mesmo tempo em que o objetivo bem como subjetivo estão em constante entrelaçar de perspectivas. A seu modo, quando a pessoa consegue perceber estes diversos lados da realidade ela é capaz de transformá-la. Nessa dimensão, o reconhecimento das dinâmicas políticas é o que leva o sujeito histórico a um constante revisar e refletir sobre sua realidade.

Desta forma, constitui-se como sujeito social a pessoa que reconhece as dinâmicas sociais e torna-se uma protagonista em sua realidade e, portanto, sistematizadora de suas perspectivas. Ou seja, o sujeito passa a ser portador de uma síntese sobre sua realidade e frente a isso o outro sujeito também possui sua síntese, e desta forma ocorre o processo de síntese e antíteses desencadeando a *práxis* dialética.

Nesse esquema é possível perceber que o primeiro ato da reflexão está marcado pela ideologia, ou mesmo, pelo conjunto da leitura de mundo do indivíduo e de suas relações sociais. “Em Gramsci, a relação entre instituições e ideologias ainda que no esquema de uma ação recíproca, aparece invertida”,⁵⁶ visto que para Marx e Lênin aparece em primeiro lugar a estrutura de poder, para Gramsci aparece como momento posterior. Nesse aspecto, a inversão dialética é de suma importância para se pensar a ética dentro da comunicação, a comunicação deve ser entendida como ato formador e não como ato póstumo à relação de poder.

⁵⁵ BOBBIO, Norberto. *O conceito de sociedade civil*. Rio de Janeiro: Graal, 1982. p. 36.

⁵⁶ BOBBIO, 1982, p. 41.

A ética dentro do processo catártico é vista como processo formador e criador de uma nova história⁵⁷ e, assim, é colaboradora de um poder que é constituído democraticamente. Por conta disso, a ética não deve ser compreendida como justificadora do poder histórico dominante, no caso a moral social. Em outras palavras, processos éticos como catarse são reflexos diretos de processos que foram desenvolvidos a fim de determinar certo momento histórico, ou certa perspectiva ideológica.

Nas palavras de Gramsci,

O termo “catarse”. Pode-se empregar a expressão 'catarsis' para indicar o momento puramente econômico (ou egoísta-passional) ao momento ético-político, isto é, a elaboração superior da estrutura em superestrutura na consciência das pessoas. Do mesmo modo na passagem do 'objetivo para o subjetivo' e da 'necessidade à liberdade'. E estrutura de força superior [oprime] o ser humano, assimilando-o e o tornando passivo, transforma-se em meio de liberdade, em instrumento para gerar uma nova forma ético-política, em fonte de novas iniciativas. O estabelecimento do momento 'catártico' torna-se assim o ponto de partida para a filosofia da práxis; o processo catártico coincide com a [cadeia] de sínteses que resultam no desenvolvimento da dialética.⁵⁸

Entende-se assim que a superestrutura ideológica é o lugar no qual ocorre a catarse, em outras palavras, é nela onde está enraizada a necessidade da liberdade, ou seja, a necessidade de ter ou de constituir novos valores e outras leituras de mundo. Essa ação ocorre por conta de uma complexa dialética ética política. Importante ressaltar que, para Gramsci, essa relação e esse ato de liberdade são sempre contínuos e desse modo, é correto afirmar que o ideal clássico de “progresso” (enquanto superação política-prática) não está presente em suas perspectivas, de modo que o objeto e a própria realidade em sua completude apenas pode ocorrer no ato de pensar e como pensamento.⁵⁹

⁵⁷ Na compreensão da realidade quanto histórica, ou em outras palavras, na construção de outra realidade pelo sujeito social.

⁵⁸ “*El término "catarsis". Se puede emplear el término "catarsis" para indicar el paso del momento meramente económico (o egoístico-pasional) al momento ético-político, esto es, la elaboración superior de la estructura en superestructura en la conciencia de los nombres. Ello significa también el paso de lo "objetivo a lo subjetivo" y de la "necesidad a la libertad". La estructura de fuerza exterior que subyuga al hombre, lo asimila, lo hace pasivo, se transforma en medio de libertad, en instrumento para crear una nueva forma ético-política, en origen de nuevas iniciativas. La fijación del momento "catártico" deviene así, me parece, el punto de partida de toda la filosofía de la praxis; el proceso catártico coincide con la cadena de síntesis que resulta del desarrollo dialéctico". GRAMSCI, 1971, p. 47-48.*

⁵⁹ ALVES, Ana Rodrigues Cavalcanti. *O conceito de hegemonia: de Gramsci a Laclau e Mouffe*. São Paulo: Lua Nova, 2010. p. 75-76.

A ética constitutiva em um processo catártico é aquela que possui uma íntima relação com a filosofia da práxis (já definida) e é compreendida como uma leitura original e integral que através da dinâmica social é renovada, na medida em que a realidade se altera.

Seguindo a definição de catarse, Coutinho entende que, para Gramsci,

Um exemplo de "catarse" seria o processo pelo qual uma classe supera seus interesses econômico-corporativos imediatos e se eleva a uma dimensão universal, "capaz de gerar novas iniciativas". Em outras palavras: seria "catártico" o momento no qual a classe deixa de ser um puro fenômeno econômico, graças à elaboração de uma vontade coletiva, para se tomar sujeito consciente da história.⁶⁰

Compreendemos que ocorre a catarse quando a classe dominada passa a definir sua própria história, ela deixa de ser instrumento de manobra para ser criadora e geradora de novas leituras de mundo.⁶¹ O processo catártico abrange toda forma de práxis quando transforma a pessoa, deslocando-o de sua passividade histórica para a transformação da realidade.

Justamente quando a pessoa é responsável pela construção do processo catártico é onde mora o segundo ponto chave para a discussão a respeito da catarse enquanto um processo desenvolvido pelos intelectuais orgânicos.⁶² Gramsci, como boa parte dos intelectuais de sua época, não entende a pessoa como sujeito isolado do mundo, dessa forma a catarse é um processo que ocorre de forma individual desde o processo comunitário, ou de forma comunitária desde os processos individuais.⁶³

Desta maneira, a classe de intelectuais orgânicos deve ser delimitada desde e com a classe subalterna. Nunca a partir da classe dominante. Para o pensador, como já mencionado, o ponto chave da transformação social está em quando a classe oprimida consegue constituir novas leituras de mundo, que gesta na pessoa ou na comunidade o processo catártico. Nessa mesma direção, a transformação ocorre dentro da perspectiva de que não pode ocorrer uma bruta separação entre a teoria e prática, ambas, assim como indivíduo e comunidade, estão em constante relação.

⁶⁰ COUTINHO, 1992, p. 53.

⁶¹ SIMIONATTO, Ivete. *O social e o político no pensamento de Gramsci*. 1997. Disponível em: <<https://www.acesa.com/gramsci/?id=294&page=visualizar>>. Acesso em: 06 jul. 2018.

⁶² Neste sentido é passível a atualização do termo em Gramsci para os dias de hoje.

⁶³ Maquiavel atribui ao indivíduo sua reflexão, já para Gramsci a relação é atribuída ao organismo social. COUTINHO, Carlos N. *Gramsci*. Porto Alegre: L&PM, 1981. p. 117.

Os intelectuais fossem, organicamente, os intelectuais daquela massa [classe subalterna], se tivessem elaborado e tornado coerentes os princípios e os problemas que aquelas massas colocavam com a sua atividade prática, constituindo assim um bloco cultural e social.⁶⁴

A citação apresenta a importância da articulação e constituição do pensamento de forma colaborativa, tendo como referência as reivindicações populares. Neste sentido, evidencia-se a necessidade de uma relação pragmática da construção do conhecimento com a realidade social; trazendo esta leitura para a acadêmica teológica, as construções e leituras desta precisam estar encarnadas a realidade da vida das comunidades. O autor tece em seus escritos duras críticas ao universo acadêmico,⁶⁵ ao mesmo tempo que percebe neste a possibilidade de se criar um bloco cultural e social, capaz de despertar na classe subalterna o processo catártico. Entretanto, para que isso ocorra, os e as intelectuais precisam estar atrelados, de forma orgânica, à realidade social, percebendo nela suas opressões e desigualdades.

A seu modo, toda ou qualquer construção que seja feita a fim de gestar novas interpretações do mundo deve estar constantemente atrelada à realidade. Na última citação, o autor reflete a respeito do processo em que o conhecimento da academia deve estar atrelado a uma ligação orgânica com a base social, ou com a classe subalterna. Dessa forma, o processo catártico ocorre quando existe uma leitura e uma coerência com os princípios e com os interesses da base social.⁶⁶

A constante dialética apresentada em Gramsci, tanto na definição de indivíduo e comunidade como na discussão a respeito dos mecanismos para o processo catártico, leva-nos a perceber em suas leituras a sua concepção a respeito da linguagem bem como da construção do discurso. Talvez seja este o maior desafio em transpor as leituras de Gramsci para a comunicação, pois ele compreende tanto a linguagem quanto o processo de construção do discurso como uma transição entre o momento “egoístico-passional” para a construção “ético-político”.⁶⁷ Em outras palavras, para ele a constituição do discurso é uma relação dialética entre a realidade individual e a realidade política, ou seja, é na saída da passividade histórica do

⁶⁴ GRAMSCI, 1978, p. 18.

⁶⁵ GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982. p. 125.

⁶⁶ GRAMSCI, 1982, p. 126.

⁶⁷ GRAMSCI, 1971, p. 48.

indivíduo junto da elaboração de outras perspectivas mediante uma ética voltada para realidade política que ocorre o processo de discurso.⁶⁸

Gramsci não se preocupa em definir a partir da filosofia clássica o que seria a linguagem ou a construção do discurso, antes disso, ele o faz desde a interpretação de que esses processos são resultados finais da luta política. Essa análise pode ser encontrada em seu 13º caderno no qual reflete que toda ou qualquer prática discursiva a respeito da definição de certas leituras está completamente referenciada por um local de fala próprio, no caso de sua leitura, no local burguês, neste sentido ele afirma que

deve fazer-se uma observação importante a respeito do propósito de toda a **análise** da [realidade] em suas relações de força: tais observações não podem e não devem ter o fim em si mesmas (ao menos que se escreva a respeito da história do passado) mas sim, devem adquirir um significado único apenas quando servem para justificar uma atividade prática, uma iniciativa de vontade.⁶⁹

Antes de qualquer classe ou pensamento filosófico, Gramsci se preocupa com a práxis onde a análise está contida. Assim, não é possível fazer uma análise quando esta tem por fim ela mesma. Em outras palavras, toda a conceitualização, bem como a construção de uma certa leitura de mundo, dada por um grupo específico, precisa ter uma finalidade prática de transformação da realidade.

O interesse central do pensador italiano é que a comunidade desde sua própria realidade possa constituir o processo catártico a fim de definir valores e perspectivas próprias. Essa construção é histórica e presente desde as diversas contradições sociais e pessoais. Portanto, é impossível nesse raciocínio a definição de valores filosóficos para definir a linguagem ou mesmo a prática do discurso, pois, o que está em voga é a própria ação política e desta forma a própria história individual e comunitária. Em última análise, o processo catártico deve ser compreendido como

⁶⁸ Esta interpretação será utilizada ao longo da pesquisa. Sendo através da prática do discurso o modelo de como a comunicação ocorre entre as pessoas, no tópico seguinte desdobramos este conceito através da construção do discurso enquanto signos ideológicos. Entretanto, reconhecemos a contribuição de Habermas a respeito do agir comunicativo, ou mesmo, as contribuições de Bakhtin quando através da linguística define a comunicação enquanto um encontro de enunciados, ou, ainda, enquanto um ato simbólico e ou representativo como constata Martin-Barbero.

⁶⁹ “Pero la observación más importante que debe hacerse a propósito de todo análisis concreto de las relaciones de fuerza es ésta: que tales análisis no pueden y no deben ser fines en si mismos (a menos que no se escriba un capítulo de historia del pasado) sino que adquieren un significado. Sólo sirven para justificar una actividad práctica, una iniciativa de voluntad”. GRAMSCI, Antônio. *Cadernos de lá carcer*: tomo 5. México: ERA, 1999. p. 40.

um infinito processo de interação social. Cada ato tem em sua gênese os processos de opressão e de influência da classe dominante e, para tanto, deve ser reinventado pela a base social, esta reinvenção é o que Gramsci nomina de *catarse*.

Com as construções acima, torna-se possível definir o conceito de *catarse* em Gramsci, como o processo de apropriação, percepção da pessoa sobre a realidade ou libertação. Quando a pessoa é capaz de compreender-se como sujeito filosófico ou ser social, e desta forma, reconhece seu local de fala (sua base social), bem como a realidade a sua volta, ela passa a operar dentro de uma ética política, e desta forma busca transformar e atuar na realidade, sendo capaz de se articular e interagir de forma consciente de seu valor social na transformação dos processos sociais e assim, na construção dos processos organizativos comunitários. Deste modo, Gramsci aposta que o sujeito filosófico é a principal força para deslegitimar e desarticular o poder hegemônico. Doravante a construção e a leitura de mundo do indivíduo, contrariando a realidade imposta, é o ato de *catarse*, o ato de libertação da pessoa.

1.4 Comunicação e *catarse*

O processo comunicacional é compreendido como articulador da vida social, socioeconômica, sociocultural e psicossocial. Em Gramsci, o sujeito filosófico mediante a *catarse* é capaz de transpor uma realidade de opressão para uma nova forma de viver e celebrar comunidade. Esta leitura é encontrada em sua investigação a respeito da dinâmica social e dos signos ideológicos. A construção de Gramsci a respeito de signos ideológicos é compreendida como um elo de uma infinita cadeia construída na dinâmica social, ou seja, os signos ideológicos são constituídos desde a *práxis* da sociedade. Em sua compreensão, cada elo dos signos ideológicos é marcado pelas diversas disputas de poder e diversas leituras de mundo. De tal forma, o pensamento gramsciniano aloca o senso comum como o lugar onde é possível o exercício da *práxis*, sendo utilizado para manter a leitura de mundo dominante ou para a construção de outras realidades no que ele chama de bom-senso.⁷⁰

Por conta disso, como mencionado no tópico anterior, a centralidade da *práxis* é de vital importância na elaboração e constituição de novas realidades e assim no processo de comunicação. Ou seja, em última análise, o processo de comunicação

⁷⁰ Para o filósofo “bom-senso” é a construção intelectual e racional do chamado senso comum o qual refere-se à aceitação passiva da realidade dominante/hegemônica.

em Gramsci é visto como o momento catártico em que a comunidade percebe sua realidade, e desta maneira constitui novas leituras de mundo desencadeando uma incontável série de elos ideológicos que são marcados e constituídos pelo processo histórico das comunidades.

Desta maneira, os processos comunicacionais devem partir da, para e com a comunidade que se encontra em uma realidade dominada por uma concepção de mundo que desconsidera a historicidade, os saberes, as culturas e as interações sociais próprias da comunidade. Por sua vez, essa comunidade colocada como subalterna de uma realidade, percebe na comunicação uma ferramenta para a sua mobilização, credibilidade e interlocução.

Este processo de construção de uma nova leitura de mundo, ou de outra realidade, é o primeiro processo para a construção de uma comunicação comunitária. Dessa forma, esse novo local, esse novo conjunto de ideias e de perspectivas deve possibilitar que as mais diferentes vozes sejam ouvidas, e que elas, em conjunto, possam expressar valores e uma cosmovisão própria da organização.

Este processo de construção, a sua maneira, ocorre desde uma análise crítica dos meios de comunicação dominantes e massivos. É nesse sentido que para Gramsci os meios de comunicação massivos são uma das forças que a classe dominante utiliza para manter o poder e ditar sua moral e sua concepção de mundo. Podemos dizer que “a hegemonia, portanto, não é apenas política, mas é também um fato cultural, moral de concepção do mundo”.⁷¹ Portanto,

vemos assim a ideologia das classes ou da classe dominante chegar à classe subalterna, operária e camponesa, por vários canais, através dos quais a classe dominante constrói a própria influência ideal, a própria capacidade de plasmar as consciências de toda a coletividade, a própria hegemonia.⁷²

Dessa forma, a hegemonia é entendida como a habilidade que um grupo social possui de se unir em torno de um projeto político ideológico. A classe que domina esse grupo é chamada de classe hegemônica, pois ela domina o capital e mantém articulada as forças heterogêneas. Para o filósofo, o domínio ocorrerá se a classe dominante for capaz de exercer uma liderança política, ideológica e cultural.⁷³

⁷¹ GRUPPI, 1978, p. 73.

⁷² GRUPPI, 1978, p. 68.

⁷³ GRUPPI, 1978, p. 70.

Tal perspectiva resulta em uma possibilidade, a constituição de processos comunicacionais desenvolvidos e construídos pela própria comunidade, ou a partir da catarse a comunidade passa a construir e desenvolver sua própria realidade e desta forma estabelece outros mecanismos e ferramentas comunicacionais. Como processo para reverter força hegemônica articuladora da sociedade, Paiva define:

a análise da produção veiculada pelos *mass media* é uma das etapas necessárias para a implantação de canais de comunicação alternativa. Essa etapa – de leitura crítica de mensagens – representa o momento em que a comunidade percebe por meio do que é divulgado diariamente nos veículos de comunicação existentes uma falta de relação com sua vida cotidiana.⁷⁴

A crítica referenciada pela comunicadora social é que o processo contra-hegemônico tem como possibilidade a criação de pertença comunitária. Isso se deve ao fato de que a leitura de mundo dominante não é capaz de criar uma relação complexa da vida cotidiana. A seu modo, ocorre uma distância gigante entre a realidade dada e a construída pelo imaginário dominante. Nesse sentido, a maior contribuição dessa leitura é a respeito da construção de processos comunicacionais que interajam de forma ativa com a realidade das organizações e, conseqüentemente, com as experiências e os saberes populares.

O segundo passo para a construção de comunicação da, com e para a comunidade é reconhecer que ela é dependente a uma ampla disputa de poder ou, como definimos, a comunicação comunitária é condicionada à democracia. Dessa forma, precisamos nos ater à construção que Gramsci faz a respeito da política como sendo um complexo sistema que perpassa a realidade de todas as pessoas, e desta maneira, também a comunicação possui uma dimensão política considerando os mais diferentes níveis nas relações de poder que constituem o processo comunicacional, tanto ao ler a comunicação da classe dominante como a comunicação comunitária.

Por conseguinte, a comunicação depende exclusivamente de uma realidade própria da comunidade, sendo que estas relações precisam estar dialeticamente conectadas. É nesta perspectiva que reconhecemos o segundo aspecto de catarse, de que ela seja desenvolvida a partir de um local de fala próprio da comunidade, ou seja, que a comunidade a partir de sua própria realidade constitua uma maneira de amplificar e considerar os distintos aspectos que dizem respeito à relação de poder

⁷⁴ PAIVA, R. *O espírito comum: comunidade, mídia e globalismo*. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 157.

na comunidade. Quando Gramsci aloca a catarse como um ato pessoal e comunitário, ele considera que a relação de poder que desencadeia o ato catártico é desde um processo de construção de pertença com o outro, e para tanto, o modo operante da relação de poder precisa ser desenvolvido desde uma relação horizontal. Desta forma, para nós, o fruto desta relação horizontal é a comunicação comunitária ou a comunicação enquanto processo catártico.

Nesse sentido, a articulação do poder da comunidade deve estar unida em torno de uma demanda específica a fim de mobilizar e interpor os mais distintos atores sociais que são, de uma maneira ou de outra, atingidos e atingidas pelo processo. Desse modo, o meio da comunicação comunitário deve ser articulado como um espaço amplamente colaborativo e descentralizado. Essa talvez seja a maior possibilidade para constituir na comunicação uma proposta para a sustentabilidade organizacional, pois ela é desenvolvida desde relações de poder horizontal e seu desenvolvimento é o que desencadeia o processo comunicacional.

Assim, a comunicação, vista como colaborativa, realoca os grupos de poder e transfere-os para o próprio sujeito filosófico. A comunicação passa a ter seu papel de processo político e organizativo, “um processo de diálogo, privado e público, através do qual os e as participantes decidem quem são, o que querem e como podem obtê-lo”.⁷⁵ Desta maneira, posiciona-se a comunicação no espaço da construção social e cultural para a transformação dos modelos de liderança tradicional para uma nova forma de articulação do poder.

Nessa direção, fica evidente o processo de catarse no qual Gramsci lembra da transferência do momento egoístico-passional para a construção ético-político. Através dos processos políticos em que a comunicação é construída e, conseqüentemente, das lutas e das experiências pessoais é que o sujeito, junto de sua organização social, toma consciência de sua condição histórica, política, social e econômica, podendo dessa forma constituir novas leituras e novas perspectivas.

Por fim, reconhecer o local de fala (a base social/realidade social) e assim as contradições e os entraves sociais e políticos na qual a proposta da organização se

⁷⁵ “Un proceso de diálogo, privado y público, a través del cual los participantes deciden quiénes son, qué quieren y cómo pueden obtenerlo”. RAMIRO BELTRÁN, Luis, “La comunicación para el desarrollo en Latinoamérica: un recuento de medio siglo” Documento apresentado para o III Congreso Panamericano de la Comunicación, Buenos Aires, 2005.

apresenta é transpor os mecanismos tradicionalmente utilizados para a sustentação do grupo hegemônico dominante para uma nova maneira de criar e gestar outras leituras de mundo. Dessa forma, a comunicação, desde as organizações, assume a dinâmica em que as pessoas e a comunidade devem fazer, falar e construir estas concepções desde suas próprias demandas locais. Isso provoca que o próprio fazer comunicativo é em si o processo catártico, de superação das realidades de opressão as quais condicionam a organização e a realidade social. Sendo neste processo catártico onde reside a constituição da validade social, bem como da própria constituição da comunidade.

Em última análise, a constituição de processos comunicacionais transfere um sentimento de coerência e de unidade da organização social, transpondo nesses mecanismos a força para a constituição e a validade das organizações. Sendo que a constituição da validade organizacional é parte crucial para a legitimidade da organização a percepção e reconhecimento dos processos comunicacionais, através dos quais é possível perceber o enraizamento dos valores, causas e da própria cosmovisão da organização. Ou seja, o processo de construção da comunicação como ação catártica da organização é o que torna relevante a própria organização. Compreendemos como relevância o fato de que as pessoas estejam ativamente convencidas ou que assumem a leitura de mundo da sua organização. Em outras palavras, comunicar sem a pertença da comunidade é o mesmo que favorecer o próprio modelo hegemônico.

O reconhecimento por parte das pessoas que fazem a organização de seu local de fala e o fortalecimento de processos organizativos que apresentem uma dinâmica política colaborativa. Além disso, conseqüentemente, gestam uma comunicação desde o local de fala, no qual as pessoas da organização possam recontar suas histórias, suas experiências e as opressões que as cercam, é o processo comunicacional que possibilita uma catarse e, assim, a própria sustentabilidade das organizações.

Quando a pessoa toma consciência de sua responsabilidade enquanto sujeito político, enquanto sujeito que comunica e que pode transformar a realidade, ela utiliza de sua condição histórica social para alterar a realidade, sendo assim, parte integral da organização social, atuando de forma ativa e construindo a própria organização e assim a própria validade histórica dela.

Dessa forma, existe o esvaziamento da pessoa que reproduz o sistema de opressão, seja ele na faceta da dinâmica política, da corrupção ou mesmo da manutenção de um pensamento dominante para um ator social capaz de alterar sua vida e sua comunidade. Nesse sentido, a comunicação refletida como processo catártico carrega consigo uma complexa e dialética dinâmica de construção de saberes e de leituras de mundo. Não é mais o indivíduo, ou um grupo específico que faz a comunicação, mas sim a própria comunidade que constrói a sua própria imagem e leitura de mundo, transformando nesta ação a ferramenta principal para a sustentabilidade organizacional.

O principal desdobramento dessa leitura para a pesquisa é a possibilidade que as organizações, incluindo as pessoas que fazem parte dela, têm para gestar a sua própria leitura de mundo e de participação social como cooperadora, ocorrendo o deslocamento da consciência dos desfavorecidos para uma consciência emancipada politicamente. Esse processo é complexo, dinâmico e intermitente, e, sendo assim, não é possível chegar-se à sua conclusão, ou seja, a conclusão do processo é o próprio processo. É assim que o indivíduo gradativamente percebe seu lugar sócio histórico, passa a agir de forma consciente, percebe sua importância no agir e desta forma zela por transformar sua realidade.⁷⁶

Gramsci, partindo das contribuições de Marx, define o indivíduo como um ser social.⁷⁷ Por isso, o processo de catarse não ocorre de forma isolada; ao contrário, trata-se de um processo que se dá através das relações de coletividade.

⁷⁶ FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 17.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. p. 49.

⁷⁷ MARX, Karl. *Introducción general a la crítica de la economía política*. México: Cultura Libre, 1974. p. 100.

2 PROCESSOS DE COMUNICAÇÃO CONSTITUÍDOS DE FORMA DEMOCRÁTICA E COLABORATIVA

e de outros galos que com muitos outros galos se cruzem os fios de sol de seus gritos de galo, para que a manhã, desde uma teia tênue, se vá tecendo, entre todos os galos.⁷⁸

Com as reflexões elencadas, definimos conceitualmente comunicação: como o processo que transporta signos, garante a circulação veloz de informações, move ideias, transforma a realidade social e tem um papel crucial para transpor, construir, dinamizar e colher conhecimentos e ideologias, sendo a responsável por gestar novas leituras de mundo e outras realidades. Do mesmo modo, a comunicação é compreendida como um espaço de construção e disputa ideológica e política para a construção de outra sociedade, ao mesmo tempo em que é o local para a construção e o desenvolvimento colaborativo de outras realidades, e assim é corresponsável pela sustentabilidade organizacional.⁷⁹

Já sustentabilidade é compreendida como o conjunto de fatores para o desenvolvimento institucional que são cruciais para a execução e a validade dos valores organizacionais,⁸⁰ vista como uma maneira de compreender a gestão organizacional de forma integradora e com capacidade organizativa de manter seu projeto institucional. É, portanto, a competência que uma determinada organização tem para dar cabo a sua função social e desta forma permanecer respondendo ao seu valor social a longo prazo.

2.1 Processos colaborativos desde as ciências sociais

No desdobramento deste pensamento em favor das organizações sociais, encontramos apoio nas concepções que Domingos Armani apresenta. Para ele, a credibilidade das OSCS está no reconhecimento da validade social da organização por parte da sociedade, ou seja, para a legitimação, bem como o fortalecimento das organizações sociais, é necessário que a organização esteja enraizada em seu

⁷⁸ MELO NETO, 1979, p. 17.

⁷⁹ A definição apresentada foi constituída pela autoria e reflete a somatória das leituras e definições dos e das teóricas que permeiam a dissertação.

⁸⁰ ARMANI, Domingos. O Desenvolvimento Institucional como Condição de Sustentabilidade das ONGs no Brasil. In: *Aids e Sustentabilidade – Sobre as Ações das Organizações da Sociedade Civil*. Brasília: Ministério da Saúde, n. 45, 2001. p.17-33.

entorno social e que este entorno seja fonte de retroalimentação para a instituição.

Como vemos:

a legitimidade de uma organização se percebe no grau de enraizamento do seu valor político e social, também é conveniente afirmar que o caminho para este enraizamento depende de fatores que favoreçam o diálogo com todos os públicos do entorno da organização, que expressem suas práticas, que comuniquem sua missão e que tenham poder de convocatória para legitimar e enraizar estas mesmas causas.⁸¹

Na reflexão acima, o autor propõe que a comunicação é responsável por criar e legitimar o valor social das organizações da sociedade civil; isso ocorre quando os processos de comunicação conseguem expressar os valores das OSCS para a realidade que as cercam.⁸² A maior realização dos processos comunicacionais sustentáveis para as organizações está na capacidade destes em construir, junto às pessoas que são parte da organização, sua leitura de mundo. Em uma dialética de construção de processos comunicacionais, a leitura de mundo da organização, bem como a leitura de mundo dos indivíduos, está em um complexo processo de transformação e de retroalimentação. Sendo assim, os processos de comunicação sustentáveis são aqueles constituídos pelo entrelaçar de leituras da organização e das pessoas que fazem parte dela. Nesta leitura, a comunicação deixa de ser um instrumento informativo e passa a ser um processo em constante atualização, seja por parte da organização ou por parte das pessoas que fazem parte dele.⁸³

Por meio desta concepção, é possível perceber o processo de comunicação como o responsável por constituir a própria organização,⁸⁴ ao mesmo tempo que é a organização que constitui sua própria comunicação. Isto apenas é possível quando a organização social consegue constituir processos democráticos participativos, a fim que sejam instrumento de transformação das pessoas, e estas por sua vez rompam sua passividade histórica e se tornem instrumento de transformação social, abrangendo assim seu próprio entorno. Desta forma, quando os processos de comunicação são construídos na dialética organização *versus* comunidade, o

⁸¹ ARMANI, Domingos. *Organizações da sociedade civil: protagonismo e sustentabilidade*. Recife: Instituto C&A, 2013. p. 86.

⁸² ARMANI, 2013, p. 87.

⁸³ ARMANI, 2013, p. 89.

⁸⁴ ARMANI, 2013, p. 102.

processo é a ferramenta responsável por legitimar e promover o próprio discurso e a validade organizacional.

Com isso, encontramos o desafio de qualificar os processos democráticos participativos. Nesta dimensão, Nogueira aponta que existem quatro grandes agrupamentos nos processos de participação e cada um deles é desenvolvido com um nível de consciência política distinto, são eles: participação assistencialista, participação corporativa, participação eleitoral e a participação política.⁸⁵

A participação assistencialista, na dimensão solidária ou filantrópica, é caracterizada como um processo de ajuda mútua, e normalmente é desenvolvida em situações de grande vulnerabilidade social. Nela, a rigor, vale-se o processo de ajuda e normalmente não possui uma grande reflexão política tanto na sua mobilização como no seu desenvolvimento. E possui uma trajetória na busca pela garantia de direitos sociais. “Ela também tende a predominar nos estágios de menor maturidade e organicidade dos grupos sociais ou de menor consciência política coletiva”.⁸⁶

O segundo modelo de participação é o denominado de cooperativa. E a rigor está em interesse de um determinado grupo ou categoria social, normalmente esta forma de mobilização tem interesse em saciar demandas objetivas. Assim como a anterior, o grau de envolvimento político desta é restrito, embora que na mobilização cooperativa ocorra um breve envolvimento político, ele é reduzido e não é um processo desenvolvido em torno de uma grande reflexão e interação política, que tem a característica de se organizar e atuar em desenvolvimento de outros agrupamentos sociais.

As duas primeiras modalidades são significativas para práticas de participação popular relacionadas aos agrupamentos sociais menos favorecidos. “Ambas, aliás, interpenetram-se intensamente, até mesmo porque estão articuladas de maneira estreita com problemas existenciais imediatos, práticos, concretos, quase sempre de fundo econômico”.⁸⁷ Ambas as modalidades respondem de forma direta a questões pontuais, e desta maneira englobam processos políticos de menor

⁸⁵ NOGUEIRA, Marco Aurélio. *Um estado para a sociedade civil: temas éticos e políticos da gestão democrática*. São Paulo: Cortez, 2004. p. 130.

⁸⁶ DELLA GIUSTINA, Emilie Faedo; LUIZ, Danuta Estrufika Cantóia. Sociedade civil e participação: concepções hegemônicas e contra hegemônicas. *Em Tese*, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 67-92, jun. 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/1806-5023.2013v10n1p67>>. Acesso em: 26 jun. 2018.

⁸⁷ NOGUEIRA, 2004, p. 135.

envergadura, pode-se dizer que estes modelos remetem a uma constituição pré-política. Isto porque elas estão centradas na passividade dos grupos e isolamento dos agrupamentos sociais.

A terceira modalidade apresentada é a respeito da participação eleitoral. E tem como característica a participação dos envolvidos em processos decisórios diretos, entretanto, esta participação é limitada a ações pontuais e em contextos políticos específicos. Ao contrário das anteriores, esta modalidade não visa a defesa de direitos individuais (sejam comunitários ou não) e atua no campo da política governamental. Esta modalidade é aplicada ao atual modelo eleitoral brasileiro, onde o indivíduo deveria optar por um representante político analisando a amplitude da sociedade brasileira bem como os projetos de cada campanha eleitoral.

A quarta modalidade apresentada por Nogueira é a da participação política. Em sua leitura, ela quer superar a anterior, ampliando a concepção política e visando a organização da sociedade desde uma leitura comunitária. A respeito desta modalidade, a professora da UNISINOS, Dra. Marilene Maia, aponta que:

Participação política é a quarta modalidade, que, de certa forma, reúne e supera as duas modalidades anteriores (eleitoral e corporativa). É realizada pelos cidadãos e está ligada a toda a vida societária e seus agentes. É essa participação que consolida, protege e dinamiza a cidadania e todos os variados direitos humanos. (...) Essa construção se realiza a partir da apreensão ampla da realidade, assim como de movimentos articulados e articuladores do seu enfrentamento na “pequena” política, que engloba questões parciais e cotidianas, ou “grande” política, que cria novas relações.⁸⁸

Seguindo a leitura apresentada, Maia aponta para a centralidade na constituição de processos participativos dentro da organização social, e reflete em torno dos distintos níveis de consciência política e a dificuldade destes na constituição de sujeitos emancipados socialmente. Da mesma maneira, sua leitura preocupa-se na afirmação de que a sociedade civil, politicamente organizada e articulada, possa ser força mobilizadora no processo de constituição para um “projeto societário cidadão”.⁸⁹

⁸⁸ MAIA, Marilene. Desigualdades, cidadania e as possíveis mediações com a sociedade civil. In: SUÁREZ MACIEL, Ana Lúcia; BORDIN, Erica Bomfim. *A face privada na gestão das políticas públicas*. Porto Alegre: Fundação Irmão José Otão, 2014. p. 61.

⁸⁹ MAIA, 2014, p. 62.

Agrega-se à reflexão os aportes da socióloga em torno do que chamamos de “processo catártico” em Gramsci. Para ela, tal reflexão tem como local de constituição os processos participativos e ela o interpreta enquanto uma possibilidade de interpretação para o quarto modelo apresentado:

Esse processo parte do reconhecimento e da explicitação dos “interesses” individuais (ou egoístico-passionais) da população que, de antemão, são materiais e econômicos. Segue-se a essa etapa a aproximação dos interesses de todos os envolvidos ao grupo ou à situação, em vista da identificação de vontades comuns. Etapa de universalização que forma os sujeitos coletivos, os quais alcançam a superação das suas vontades, tornando-as cada vez mais universais e, com isso, passam à consciência “ético-política” e à práxis política, a partir de diferentes esferas públicas de consenso. Esse movimento vai concretizando a nova hegemonia, cuja lógica de desenvolvimento passa a ser centrada na cidadania e democracia, contrariando a lógica de desenvolvimento.⁹⁰

Na citação, Maia expõe a necessidade de superar a perspectiva desenvolvimentista e utilitarista dos processos organizativos. Utilizando Gramsci como base teórica, ela propõe a criação de uma ética política que se desenvolva desde um processo de consenso de forma sistemática. Para ela, esse processo seria o local para a construção de outra sociedade, e se daria na dinâmica de viabilizar e assegurar a presenças dos múltiplos fatores ou instituições políticas que cercam determinado contexto, buscando e retroalimentando as pautas a partir deles. É nesse ponto que reside os processos de mediação e constituição do que ela chama de “projeto societário cidadão”.⁹¹

Na dinâmica de funcionamento do “projeto societário cidadão” e seguindo a leitura de Nogueira, pode-se dizer que a centralidade de um processo de construção democrática e colaborativa segue uma dinâmica de constante contradição entre a estrutura social que funda a dinâmica política e econômica de nossa história imediata (capital) e a estrutura de dinâmica política que rege a sociedade “democrática” (cidadania).⁹² Nesta dinâmica, é crucial que as diversas forças de poder concomitantes possam respeitar e entrar em um profundo diálogo com a realidade na qual está imersa.

⁹⁰ MAIA, 2014, p. 62.

⁹¹ MAIA, 2014, p. 62.

⁹² MAIA, 2014, p. 63.

Estes movimentos dinâmicos são os constituintes e os validadores das diversas OSCS, e é através deles que as distintas mediações sociais permitem a transformação da realidade. A análise das distintas modalidades permite que visualizemos a gestão e organização política das OSCS como a própria mantenedora delas. Desta maneira, o controle social é compreendido enquanto um movimento histórico, dialético e contraditório.⁹³ Assim, o controle social ganha a característica não ser um processo constituído de forma homogênea, antes disso, é uma capacidade que as organizações possuem de intervir de forma interna e externamente suas próprias demandas.

Dessa maneira, a participação e os processos colaborativos democráticos de organização social contribuem na formulação bem como na revisão das leituras e construções sociais estabelecidas. O controle democrático incide diretamente na busca por modelos organizativos que rompam com os processos neoliberais, buscando a descentralização e a ampliação dos debates e das construções sociais.⁹⁴

Concluimos, então, desde as ciências sociais, os processos colaborativos são um espaço democrático, descentralizado e que busca ampliar o diálogo e o mútuo controle social, tanto das OSCS como do poder político partidário estabelecido. Nesse sentido, o centro dos processos colaborativos das ciências sociais é seu aporte em torno do controle social, compreendido como processos democráticos participativos que visam contribuir na garantia de direitos, bem como, na construção de políticas públicas, com a participação da sociedade organizada. E assim, o “controle social democrático que se constitui como estratégia e instrumento de intervenção, o qual contribui para o fortalecimento da gestão democrática”.⁹⁵

2.2 Processos colaborativos desde a teologia

Jon Sobrino e Ignacio Ellacuría, no livro “*Mysterium Liberationis: Conceptos fundamentales de la Teología de la Libertación*”, se ocupam em apresentar a comunicação de Deus com seu povo. Eles traçam a importância de gestar processos

⁹³ MACHADO, Loiva Mara de Oliveira. Controle social democrático: é possível materializá-lo? In: SUÁREZ MACIEL, Ana L.; BORDIN, Erica B. *A face privada na gestão das políticas públicas*. Porto Alegre: Fundação Irmão José Otão, 2014. p. 112.

⁹⁴ BEHRING, Elaine Rossetti; BOSCHETTI, Ivanete. *Política social: fundamentos e história*. v.2. São Paulo: Cortez, 2006. p. 156.

⁹⁵ MACHADO, 2014, p. 111.

comunicacionais que se comprometam com o diálogo e a construção colaborativa⁹⁶ ao mesmo tempo que alocam a comunicação de Deus com o seu povo como processos construídos desde a história das comunidades. Entre outros exemplos, eles citam a própria formulação da Bíblia como comunicação de Deus para a comunidade e vice e versa. Não cabe discutir a questão das organizações, mas sim o método apresentado para esta comunicação. Esse método é crucial, pois ele referencia o pobre (enquanto categoria epistemológica da teologia da libertação) como o único responsável por expressar a sua comunicação. Desse modo, para os autores o núcleo teológico europeu não responde necessariamente ao contexto ao qual a comunicação é apresentada e desta forma, deve-se, a partir da realidade buscar novos indicadores.⁹⁷

Seguindo nesta análise, Gorgulho, no capítulo “Hermenêutica Bíblica”, aponta que o grupo que deve ser referencial na construção da comunicação é sempre o povo.

Com efeito, (a categoria epistemológica) "povo" é um sujeito histórico que supera a dominação e estabelece laços igualitários de comunicação, união e plena realização da vida. A vida do povo é um dom de Deus e a história da revelação é a consolidação desse dom. A bíblia mostra o processo de formação do povo de Deus a partir da libertação dos pobres. O surgimento do povo, do pobre, cria uma história que questiona e influencia a história entre os dominadores e a dominação. A Bíblia é o testemunho da história dos pobres.⁹⁸

A citação apresenta a definição do povo/pobre, como categoria epistêmica que valida e apresenta um Deus que opta por uma comunidade específica.⁹⁹ Desta forma, este processo de comunicação, seja na redação bíblica ou na memória das comunidades,¹⁰⁰ sempre é feito fora do grupo socialmente dominante, da classe

⁹⁶ ELLACÚRIA, Ignacio; SOBRINO, Jon. *Mysterium Liberationis: conceptos fundamentales de la Teología de la Libertación*. Madrid: Trotta, 1990. p. 58.

⁹⁷ ELLACÚRIA; SOBRINO, 1990, p. 63.

En efecto, «pueblo» es un sujeto histórico que supera la dominación y establece lazos igualitarios de comunicación, de unión y de plena realización de vida. La vida del pueblo es un don de Dios, y la historia de la revelación es la consolidación de ese don. Y la Biblia muestra el proceso de la formación del pueblo de Dios a partir de la liberación de los pobres. El surgimiento del pueblo de los pobres crea una historia que cuestiona e influye en la historia de las dominaciones y de los dominadores. La Biblia es el testimonio de esa historia de los pobres. GORGULHO, Gilberto da Silva. *Hermenêutica Bíblica*. In: ELLACÚRIA, Ignacio; SOBRINO, Jon. *Mysterium Liberationis: conceptos fundamentales de la Teología de la Libertación*. Madrid: Trotta, 1990. p. 174.

⁹⁹ CARRASCO, Jorge Costadoat. *Identidad de la Teología Latinoamericana y la Teología de la Libertación*. *Perspectiva Teológica*, v. 50, n. 1, p. 22, abr. 2018. Disponível em: <<http://faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/3938/3952>>. Acesso em: 03 jul. 2018.

¹⁰⁰ GORGULHO, 1990, p. 171.

burguesa. Ou seja, através da análise e dos aportes desta citação é possível compreender que a história das comunidades é comunicada sempre pela parte menos favorecida do poder dominante e aproximando tal reflexão da proposta desta dissertação, é passível que o responsável pela construção da comunicação sempre seja a unidade com menor poder político. Assim, atualizando os processos de comunicação devem priorizar a experiência e as leituras das comunidades e das pessoas que fazem parte dela, e não necessariamente de um grupo com certo poder dominante na estrutura da organização.

Embora não tenhamos com interesse constituir um arcabouço teórico significativo a respeito da comunicação de Deus com os seres humanos, cabe destacar alguns aportes que validam esta leitura. Fazemos considerando que a teologia da libertação tem em sua origem e finalidade a luta contra a opressão da classe pobre e nesta construção aloca o sujeito excluído no centro de sua análise.¹⁰¹ Nesse sentido, essa teologia quer voltar-se para o momento presente histórico, refletindo a partir das estruturas econômicas e sociais que o povo vive.

Reflexão similar é apresentada por Boff, quando analisa a santíssima trindade e discorre a respeito de como ela inclui a todas as pessoas e perpassa, através da comunhão, toda a sociedade. Em seu livro, ele aponta que a trindade é o local da igualdade e perfeita comunhão e isso cria uma realidade dívida, dinâmica e em eterna constituição.¹⁰² Nessa dimensão ele considera a trindade enquanto a força que deve mover o rosto das comunidades para a transformação da realidade na busca pela justiça. A trindade é uma concretização utópica para além de nossa própria imaginação.¹⁰³

No mesmo livro, Boff analisa Jesus enquanto a comunicação eterna de Deus.¹⁰⁴ Ele destaca que através do dinamismo transformador o próprio texto bíblico apresenta duas narrativas distintas: a do Jesus Histórico (com sua opção preferencial pelas pessoas pobres) e a das palavras de seus e suas seguidoras.¹⁰⁵ Em sua análise, a importância do texto não ocorre pelo sujeito da narrativa sendo Jesus ou as

¹⁰¹ BRIGHENTI, Agenor. Raíces de la epistemología y del método de la teología latinoamericana. *Medellin*, v. XX, n. 78, p. 209, 1994.

¹⁰² BOFF, Leonardo. *A Santíssima trindade é a melhor comunidade*. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 21.

¹⁰³ BOFF, 2000, p. 22.

¹⁰⁴ BOFF, 2000, p. 127.

¹⁰⁵ BOFF, 2000, p. 129.

primeiras comunidades, mas sim, pela mensagem que testemunha a presença do Filho de Deus, que armou sua tenda entre nós.¹⁰⁶

Dessa maneira, Boff aponta que a palavra de Deus é percebida pelas palavras das pessoas, em um processo de constante revelação.¹⁰⁷ Deus se autocomunica. Essa comunicação é compreensível às pessoas ao mesmo tempo que ela aponta para uma realidade e uma face transcendental. A comunicação de Deus apresentada é um processo de relacionamento com a humanidade e ganha uma característica perceptível (humana) a humanidade, sendo que está aponta para uma característica imperceptível (divina).¹⁰⁸

Doravante podemos definir que uma teologia libertadora tem em sua centralidade a opção pelos pobres.¹⁰⁹ Pobre, enquanto uma nova maneira de fazer teologia, de realizar uma reflexão crítica da *práxis* histórica da humanidade, ou enquanto um “novo espírito teológico”.¹¹⁰ Gutierrez a define enquanto “uma teologia que não se limita a pensar o mundo, mas procura situar-se como um momento do processo através do qual o mundo é transformado”.¹¹¹ E é nesta dimensão que Costadoat aponta:

a descoberta mais importante dessa teologia é que os pobres, por meio de sua *práxis* de libertação ou pelo simples fato de serem vítimas inocentes, "revelam" Deus no presente. Ele [o pobre], como sujeito latino-americano e objeto de sua libertação, e como membro cristão de uma tradição eclesial, adquire uma autoridade que o restante da Igreja deve reconhecer.¹¹²

O pobre, enquanto responsável por sua libertação e enquanto autoridade, estabelece sua centralidade na construção de outras realidades.¹¹³ Ou seja, é a

¹⁰⁶ BOFF, 2000, p. 130.

¹⁰⁷ JESUS, Rodrigo Marcos De. *Religião como Fé e Política: o cristianismo libertador em Leonardo Boff*. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Filosofia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Belo Horizonte, 2009. p. 61.

¹⁰⁸ JESUS, 2009, p. 61.

¹⁰⁹ CARRASCO, 2018.

¹¹⁰ BOFF, Clodovis. Volta ao fundamento: réplica. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis, v. 272, p. 892-927, 2008.

¹¹¹ “Una teología que no se limita a pensar el mundo, sino que busca situarse como un momento del proceso a través del cual el mundo es transformado”. GUTIERREZ, Gustavo. *Teología de la liberación: perspectivas*. Salamanca: Sígueme, 1972. p. 72.

¹¹² “El más importante descubrimiento de esta teología es que el pobre, mediante su *praxis* de liberación o a través del mero hecho de ser víctima inocente, "revela" a Dios en el presente. Él, como sujeto latinoamericano y objeto de su liberación, y en cuanto cristiano integrante de una tradición eclesial, adquire una autoridad que el resto de la Iglesia debe reconocer”. CARRASCO, 2018, p. 37.

¹¹³ GUTIERREZ, Gustavo. La teología latinoamericana y caribeña: trayectoria y perspectivas. *Congreso Continental de Teología*, v. 38, p. 14-29, 2012. Disponível em:

própria comunidade a responsável na busca por libertação. E assim apontamos que também a comunicação deve ser realizada por esse mesmo agrupamento social, utilizando uma metodologia de protagonismo. Assim, iniciamos a discussão dos processos democráticos tendo duas características chaves. A primeira, a comunicação deve servir para a constituição dos valores sociais das comunidades bem como a comunicação deve ser uma resposta à realidade da própria comunidade.

Comunicação enquanto resposta à realidade das comunidades é conceber que é a partir das relações sociais que ocorre a transformação das realidades. Em outras palavras, é através no diálogo comunicativo entre sujeitos onde o processo de construção de outras leituras, e deste modo, é neste local colaborativo de comunicação onde ocorrem aprendizagens e ensinamentos. A comunicação enquanto processo democrático tem em sua constituição uma complexa teia dialética, que constitui o pensamento e a ação. Uma das características desta dialética é o diálogo, visto em uma dimensão antropológica, epistemológica e política.¹¹⁴

Comunicação [é] a coparticipação dos sujeitos no ato de pensar... implica numa reciprocidade que não pode ser rompida. O que caracteriza a comunicação enquanto este comunicar comunicando-se, é que ela é diálogo, assim como o diálogo é comunicativo. A educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados.¹¹⁵

Ao processo de expressar e pronunciar suas concepções de mundo, Freire chama de romper a “*cultura do silêncio*”, que foi e é constituída historicamente através do processo de colonização e neocolonização. Nessa perspectiva, “em ‘seu direito à voz’, ou seu ‘direito de pronunciar sua palavra’, ‘direito de auto expressão e expressão do mundo’, de participar, em definitivo, do processo histórico da sociedade”.¹¹⁶

Quando Freire aponta a comunicação como o canal de voz na construção de sujeitos emancipados, deparamo-nos com a leitura da *práxis* cristã, apresentada por Enrique Dussel ao retratar a interpretação ético-teológica do ser igreja em resposta à lógica de organização da sociedade capitalista:

<http://www.seleccionesdeteologia.net/selecciones/llib/vol53/211/211_Gutierrez.pdf>. Acesso em: 30 jun. 2018.

¹¹⁴ GADOTTI, Moacir. *Paulo Freire: uma biobibliografia*. São Paulo: Cortez, 1996. p. 621.

¹¹⁵ FREIRE, Paulo. *Extensão ou comunicação?* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983. p. 66.

¹¹⁶ GADOTTI, 1996, p. 621.

À *lógica do pecado*, exposta em parte no item 5, antepomos agora a *lógica da libertação*, do antipecado ou a negação da negação do outro. A simbólica bíblica nos propõe, na história de Moisés (Êx 3ss) ou na parábola do samaritano, um claro *Sim-ao-Outro* como outro quando ainda não passa de um oprimido *no* sistema. A luz profética da fé permite descobrir por trás da aparência da *máscara* do oprimido ou alienado o *rosto* do Outro, no escravo do Egito o homem livre, no ferido ou assaltado junto ao caminho a Exterioridade da *pessoa humana*.¹¹⁷

Dussel inverte a lógica dominante da construção da sociedade para a constituição de uma práxis cristã que reconheça e coloque no centro o “Outro”. Na mesma dinâmica que Freire, Dussel aponta a centralidade no sujeito enquanto responsável por sua emancipação e constitui tal reflexão por meio de exemplos bíblicos. Para Dussel, o fator central na construção do discurso, e de uma *práxis* cristã, ocorre em torno de uma ruptura a determinada lógica de opressão, no caso da citação, na lógica do pecado (negação do outro) em contraponto a lógica da libertação (sim ao outro).¹¹⁸

Seguindo a lógica de reflexão encontrada em Freire e em Dussel, podemos dispor que a construção do imaginário, bem como a forma de organização das OSCS ou das comunidades Cristãs, exige um profundo processo de escuta, visão e percepção da outra pessoa, em outras palavras, a constituição de processos que buscam a emancipação das pessoas e assim, buscam um maior engajamento e responsabilização por parte das pessoas que compõem a comunidade, exigindo desta forma que o processo de construção ocorra de forma colaborativa. Ou ainda que o processo de constituição das comunidades ocorra em detrimento da ação graciosa de Deus.

Daniel C. Beros, ao analisar a constituição da liberdade cristã, discorre sobre como a *práxis* libertadora é responsável por constituir sujeitos autônomos que celebram a autonomia e vivem longe da tirania do pecado¹¹⁹ e, por isso, são capazes

¹¹⁷ DUSSEL, Enrique D. *Caminhos da libertação latino-americana: reflexões para uma teologia da libertação*. Tomo IV. São Paulo: Paulinas, 1984. p. 19.

¹¹⁸ DUSSEL, 1984, p. 20.

¹¹⁹ BEROS, Daniel C. Igreja: criatura... de que “palavra”? In: HOFFMANN, Martin; BEROS, Daniel C.; MOONEY, Ruth. *Radicalizando a Reforma: outra teologia para outro mundo*. São Leopoldo: Sinodal; EST, 2017. p. 39.

de “acolherem e afirmarem conjuntamente a vida do e da outra”,¹²⁰ ao concluir sua reflexão ele chega a seguinte afirmação:

É precisamente por meio desse caminho histórico “cruciforme”, aberto e possibilitado pelo Espírito Santo, que aquela justiça *alheia* se manifesta comunicativamente no meio da comunidade política como contorno concreto da graça e assim como poder de vida em plenitude – antecipação e promessa de um mundo novo, onde caibam todos.¹²¹

Daniel parte da análise da carta aos Gálatas para realizar sua reflexão, e deste modo aposta na dialética complexa entre a espiritualidade da graça e fé em ação e na *práxis* da vida em comunidade. Como contribuição à reflexão de Dussel, Daniel projeta que o ato comunicativo é uma manifestação política que engloba a micro e a macroestrutura na qual a comunidade de fé está inserida.

A respeito dessa estrutura multifacetada, complexa e contraditória da sociedade e buscando a aproximação desta realidade para as igrejas cristãs, Melo afirma que existe três indicadores capazes de perceber o grau de enraizamento das comunidades no processo de comunicação. Com sua análise, é possível compreender como as igrejas respondem à comunicação enquanto ato contínuo de criação de Deus através da *práxis* comunitária.

O primeiro aporte diz respeito ao diálogo e à participação da comunidade nos cultos. Para ele, assim como para Lutero, o culto é o lugar central da vida em comunidade, sendo ele, um momento privilegiado para a comunicação eclesial. Sua análise aponta que “nele começam a ser superadas as barreiras simbólicas ou psicológicas que durante tanto tempo impuseram o monólogo ministerial, intercalado pelo eco da comunidade”.¹²² Sendo assim, o principal processo que possibilita a comunicação de Deus com seu povo é quando a palavra durante o momento litúrgico passa a ser um direito de todas as pessoas presentes. Em sua análise, todas as pessoas que constituem a comunidade têm o direito e o dever de igualmente “repartir

¹²⁰ BEROS, Daniel C. O limite que liberta: a justiça “alheia” da cruz como poder de vida. In: HOFFMANN, Martin; BEROS, Daniel C.; MOONEY, Ruth. *Radicalizando a Reforma: outra teologia para outro mundo*. São Leopoldo: Sinodal; EST, 2017. p. 173.

¹²¹ BEROS, 2017, p. 175.

¹²² MELO, José Marques de. Igreja e comunicação. In: PUNTEL, Joana; SOARES, Ismar de. *Comunicação igreja e estado na América Latina*. São Paulo: Paulinas, 1984. p. 67.

suas experiências, suas inquietações, seus temores, suas alegrias”.¹²³ Com este processo, o culto torna-se um local de diálogo, um lugar de interação e de comunhão.

Sua segunda consideração é a respeito da maneira de ler e interpretar o evangelho. Para ele, assim como para tantos outros autores da teologia da libertação, a leitura e interpretação do evangelho deve ser um processo de interpretação dos sinais da realidade. Para ele, esse processo é o de:

Procura-se identificar na realidade partilhada e construída pelos cristãos hoje aquelas evidências que correspondem aos sinais registrados na Bíblia. A leitura e a tradução bíblicas se fazem a partir da vivência do povo de Deus e não mais seguindo roteiros canonizados, a-históricos, impostos verticalmente.¹²⁴

Na análise, Melo pontua que é necessário estimular-se uma leitura criativa e atualizada a fim de que a comunidade possa constituir outras interpretações e concepções do texto bíblico. Estas, por sua vez, modificam a maneira de constituir a reflexão teológica e convidam a uma transformação de paradigmas na busca por relações e por outras estruturas diante da própria organização eclesial. No desdobramento deste raciocínio, ele apresenta sua terceira consideração, que diz respeito à construção de mecanismos democráticos para os processos comunitários. Nesta, ele aponta a necessidade de constituir processos comunicacionais, baseados no diálogo, cada vez mais amplos e participativos.¹²⁵

Com as considerações elencadas, a comunicação entre a comunidade passa a ser um ato contínuo de Deus na realidade, sendo, compreendido como uma ação de amor e de gratuidade. Ou a comunicação é tida como um processo constante e descentralizado que ocorre na relação comunitária e através da ação graciosa de Deus (como pontuado por Boff) é que ela ganha vida e gera vida.

Outro aporte que considera a importância de uma organização que esteja centrada na dinâmica em comunidade, ou melhor, que aposta nos processos colaborativos enquanto dinâmica fundadora das comunidades religiosas, mediada pela leitura de Lutero a respeito da cruz, é encontrado na tese 85 das 94 teses

¹²³ MELO, 1984, p. 67.

¹²⁴ MELO, 1984, p. 67.

¹²⁵ MELO, 1984, p. 67-68.

lançadas em comemoração aos 500 anos da reforma luterana.¹²⁶ Estas “novas” teses foram copiladas através do projeto “Radicalizar a Reforma – outra teologia para outro mundo”:

Em vez de concentrar-se em piedade individual, ela [a teologia da cruz] deve colocar o maior peso eclesial-comunitário em resistência e mudança social. Caso contrário, as injustiças continuarão se espalhando livremente, pervertendo as nossas relações básicas com Deus, conosco mesmo, com as pessoas que nos são colocadas no caminho e com toda a criação. Através de atividades como pregar, ensinar, celebrar, cuidar, construir e organizar comunidade junto com outras pessoas, a igreja cristã pode ajudar a combater pecado, dependência e cegueira que possibilitaram ao império dominar em múltiplas facetas.¹²⁷

A tese faz referência à forma de compreender o processo comunitário, e assim a própria organização da igreja. Para a reflexão do agrupamento de teólogos e teólogas, a experiência da cruz sempre abarca completude das relações humanas, e desta forma a negação de processos desenvolvidos de forma colaborativa é o afastamento de Deus. Essa relação é compreendida como a força motora que possibilita vencer o pecado.

Do mesmo modo é a experiência da cruz, que permite vermos um Jesus transfigurado historicamente.¹²⁸ É através de sua transfiguração que podemos trazer a história do passado para o presente e desta forma compreender a boa nova da ressurreição. É essa transfiguração das experiências comunitárias que nos permite a inovação dentro dos dogmas e das estruturas organizativas. Dessa forma, a interpretação da história e a própria leitura da realidade das comunidades torna-se um ato de comunhão, e um processo que entrelaça horizontes e perspectivas. Este ato de comunhão e de entrelaçar de perspectivas é constituído na inovação que a reforma protestante apresentou a tradição teológica o espírito.

¹²⁶ Trata-se de um projeto realizado em prol dos 500 anos da reforma protestante, que tem o interesse reacender a leitura bíblica em resposta aos desafios contemporâneos da tradição luterana. SCHAPER, Valério G.; ZWETSCH, Roberto E.; KOSLOSKI, André. *Resgatando a radicalidade da Reforma* - website como canal de comunicação e formação no contexto dos 500 anos de Reforma. Disponível em: <<http://www.reformaprotestantehoje.com.br/projeto/>>. Acesso em: 04 jun. 2018. As 94 teses foram assinadas por centenas de teólogos e teólogas luteranos, reformados, metodistas, anglicanos e menonitas. WIRTH, Lauri E.; ZWETSCH, Roberto E. Apresentação à edição brasileira. In: HOFFMANN, Martin; BEROS, Daniel C.; MOONEY, Ruth (Orgs.). *Radicalizando a Reforma: outra teologia para outro mundo*. São Leopoldo: Sinodal; EST, 2017. p. 25.

¹²⁷ HOFFMANN, Martin; BEROS, Daniel C.; MOONEY, Ruth (Orgs.). *Radicalizando a Reforma: outra teologia para outro mundo*. São Leopoldo: Sinodal; EST, 2017. p. 25.

¹²⁸ WESTHELLE, Vítor. 500 Anos da Reforma: Luteranismo e Cultura nas Américas. *Cadernos Teologia Pública*, São Leopoldo, ano. XII, n. 97, v. 12, 2015. p. 14.

A verdadeira posição luterana não está na *letra*, mas no *espírito*. A letra sustém, mas o evangelho renova. As obras de Lutero devem ser lidas e examinadas com cuidado para que então os livros possam ser fechados, e o evangelho, aberto.¹²⁹

É na vida em comunidade, e assim, na vida comunicada através da comunidade que o espírito santo (na concepção de trindade de Boff) tem a força para transformar as estruturas de poder e a própria realidade. Desta maneira, o espírito santo é compreendido enquanto ao novo e ao alternativo, aquele que se manifesta nos processos comunitários e cria uma nova ordem.¹³⁰

O espírito santo enquanto força motriz da libertação das comunidades luteranas na América Latina é uma das reformas dogmáticas que Westhelle apresenta. Ao tratar da tradição Luterana, ele propõe que transfiguremos as tradições religiosas e apostemos nas “minorias que se encontram às margens dos saberes e poderes”,¹³¹ a fim de que estas possam contextualizar, transfigurar e inovar a estrutura eclesial. Com isso, Westhelle, ao dialogar com as produções de Segundo, aponta que é necessário para a igreja luterana, transfigurar Lutero ao propor que “uma teologia libertadora deveria libertar a teologia”.¹³²

2.3 Processos colaborativos desde os aportes do Instituto Sustentabilidade

O Instituto Sustentabilidade da América Latina e do Caribe (InS), disponibiliza um farto agrupamento teórico a respeito da temática de liderança. Através da interpretação apresentada pelos diversos textos, para o InS liderança pode ser compreendida enquanto o: “desenvolvimento do todo e procura fortalecer as capacidades descentralizadas de auto-gestão”.¹³³ Na análise apresentada por Butzke, o processo de liderança deve ocorrer de forma sistêmica, e deve englobar as diversas comunicações que compõem toda a vida em comunidade.

¹²⁹ WESTHELLE, 2012, p. 14. Grifo nosso.

¹³⁰ BOFF, 2000, p. 149.

¹³¹ WESTHELLE, 2012, p. 15.

¹³² WESTHELLE, 2012, p. 14.

¹³³ BUTZKE, Paulo Afonso. *Aspectos Teológicos da Sustentabilidade da Igreja: Contribuições do Programa de Sustentabilidade da Federação Luterana Mundial para a América Latina e Caribe*. Disponível em: <http://www.sustentabilidad.est.edu.br/sigak_publico/downloads/Aspectos_Teologicos_da_Sustentabilidade.pdf>. Acesso em: 25 mar. 2018. p. 8.

Liderança é o lugar onde o todo é refletido e a partir do qual os resultados da reflexão novamente são colocados à disposição do sistema. Liderança sistêmica percebe onde desenvolvimentos estão tolhidos ou interrompidos. Preocupa-se para que recursos cheguem ao lugar certo.¹³⁴

A leitura apresentada percebe a liderança enquanto um processo responsável pelo estabelecimento de conexões entre os diversos setores de determinado sistema, bem como sendo a responsável por organizar e distribuir ações e tarefas para as diversas pessoas que compõem o “sistema”.¹³⁵ Uma das características apresentadas, fruto desta maneira de interpretar as ações, é que elas buscam perceber as relações enquanto fundadoras da própria instituição. Outra característica central nesta dinâmica é que ela deve buscar a autogestão e auto-organização, na perspectiva de que a liderança deve ser dinâmica e descentralizada e nega o modelo regido pela “hierarquia e autoridade”.¹³⁶

Gustavo Driau, enquanto esteve na equipe de coordenação do InS, escreveu o livro “Enfoques y herramientas en los procesos de sustentabilidad de las iglesias”. Nesse livro, ele pontua que:

A liderança em igrejas sustentáveis ocorre em cada um dos membros batizados da igreja, e não sobre uma pessoa ou grupo distinto; baseia-se numa relação de reciprocidade, de companheirismo, de participação, de pertença, de realização, de autoridade, de celebração e na mútua ação de dar e receber.¹³⁷

A concepção apresentada por Driau retoma de forma similar a leitura apresentada por Butzek. Na citação, o ponto de referência é a dinâmica em que a execução das atividades ocorrem na comunidade. Para Driau, todas as partes que compõem a comunidade (leigo/leigas, ministros e ministras ordenadas, mulheres, jovens e a terceira idade) são a força motivadora de constituição dos processos eclesiais, e é na relação e na partilha destes diversos grupos que ocorre o desenvolvimento das atividades.

¹³⁴ BUTZKE, p. 8.

¹³⁵ Enquanto modelo de funcionamento e organização das OSCs.

¹³⁶ BUTZKE, p. 8.

¹³⁷ “El liderazgo en las iglesias sustentables yace en cada miembro bautizado de la iglesia, y no sobre una persona o un grupo distinguido; se apoya en una relación de reciprocidad, de compañerismo, de participación, de pertenencia, de cumplimiento, de autoridad, de celebración y en la acción mutua de dar y recibir”. DRIAU, Gustavo. *Enfoques y herramientas en los procesos de sustentabilidad de las iglesias*. São Leopoldo: Faculdades EST; Instituto Sustentabilidade América Latina e Caribe, 2016. p. 155.

Um pouco mais adiante na reflexão do capítulo apresentado por Driau, ele aponta a importância de perceber a complexa teia das relações humanas, e assim aloca que por se tratarem de relações os processos não são homogêneos e nem perfeitos. E é justamente neste ponto que reside a importância do planejamento e de acordos entre a comunidade, a fim de que possam constituir os processos de forma a tecer a maior pertença entre as pessoas e nas relações pessoais.

Driau aloca as pessoas que fazem parte da comunidade como sendo as responsáveis por constituir a sustentabilidade das OSC. E é no encontro destas pessoas que reside a força para a constituição de processos democráticos ou colaborativos tanto na constituição das ações e dos objetivos das OSC, como no processo de constituição dos valores das OSCS.

Entre as dimensões da sustentabilidade organizacional das igrejas encontra-se o planejamento estratégico e participativo e o desenvolvimento de dons e de recursos; na constituição de outras formas de ser uma igreja.¹³⁸

Ao pontuar dimensões para a sustentabilidade organizacional ele aloca duas características chaves: a do planejamento das ações e das atribuições da instituição, realizadas de forma colaborativa; e a formação e a capacitação das lideranças. Para ele estas duas dimensões fortalecem a própria instituição religiosa, e gera desta maneira, outras formas de ser igreja. Para Driau, constituir os processos da comunidade é refletir e articular as dificuldades e os logros das diversas lideranças, e este processo constitui a validade social das OSCS. Nessa dinâmica, a sustentabilidade bem como os processos democráticos e colaborativos estão em dialética com a própria capacitação das lideranças.

Ainda a respeito da constituição dos processos democráticos, Driau apresenta essa perspectiva através da leitura bíblica teológica:

Em um sentido oposto, a concepção de liderança hierárquica que gera uma estrutura de posições (não de funções, mas de cobranças), ou seja, como "ancião", "bispo", "conselheiro", "tesoureiro", "presidente" ou "pastor", são títulos que constituem cargos eclesiais. No entanto, a visão que emerge do texto do Novo Testamento tem uma abordagem funcional; a autoridade

¹³⁸ "Entre las dimensiones de sustentabilidad organizacional en las iglesias se encuentran la planificación estratégica participativa y el desarrollo de dones y recursos; en la exploración de otros modos de ser iglesia". DRIAU, 2016, p. 156.

brota do Espírito Santo e dos dons, da maturidade espiritual e serviço de cada membro.¹³⁹

Na perspectiva do teólogo, a forma e o modelo de organização dos processos de liderança comunitária são frutos de uma relação de autogestão e auto-organização, do mesmo modo que foi apresentado por Butzke. Na leitura, os títulos ou a estrutura de poder não é a determinante de uma abordagem específica, mas sim é a partir de uma compreensão de que cada parte que constitui a comunidade é de uma maneira ou de outra, responsável por construir o lugar para o desenvolvimento de suas ações. Ou seja, a leitura apresentada por Driau tem como base conceitual de que cada parte da comunidade ou OSC, deve ter certa maturidade a fim de dispor o seu serviço onde melhor couber.

A dinâmica apresentada é tida como um processo de liderança relacional e fica evidente quando:

A comunidade de fiéis, a igreja, é chamada a se auto-organizar. Há uma expressão que aparece muitas vezes no Novo Testamento e é "um para o outro": "Amem uns aos outros", "apoiem uns aos outros", "orem uns pelos outros", "perdoem uns aos outros", "dominem uns aos outros". Essa expressão "um ao outro" é uma relação própria do relacionamento trinitário, e é o modelo de relacionamento que Jesus suscitou entre seus discípulos. A imagem que Jesus nos deixou sobre como exercer a liderança é uma relação mútua, recíproca e interdependente entre si.¹⁴⁰

A citação tem como fonte a leitura hermenêutica do texto de Mateus 20.25-28. E é similar à interpretação já mencionada de Henrique Dussel. Driau tem como intencionalidade apostar em um modelo de processos de organização vistos deste a dinâmica da outra pessoa. Ou seja, processos de organização realizados deste uma relação recíproca e madura das diversas pessoas que compõem a organização, e para o teólogo esta relação é a responsável por constituir a própria sustentabilidade.

¹³⁹ "En un sentido opuesto, la concepción de liderazgo jerárquico genera una estructura de posiciones (no de funciones sino de cargos), así es como "anciano", "obispo", "consejero", "tesorero", "presidente" o "pastor", son títulos que constituyen posiciones eclesíásticas. Sin embargo, la visión que surge del texto del Nuevo Testamento tiene un enfoque funcional; la autoridad surge del Espíritu Santo y de los dones, de la madurez espiritual y de servicio de cada miembro". DRIAU, 2016, p. 151.

¹⁴⁰ "La comunidad de fieles, la iglesia, está llamada a organizarse a sí misma. Hay una expresión que aparece muchas veces en el Nuevo Testamento, y es "unos a otros": "Amaos unos a otros", "soportaos unos a otros", "orad unos por otros", "perdonaos unos a otros", "sobrellevándoos unos a otros". Esta expresión "unos a otros" es una relación propia de la relación trinitaria, y es el modelo de relación que Jesús levantó entre sus discípulos. La imagen que Jesús nos ha dejado acerca del modo de ejercer el liderazgo es de un relacionamiento mutuo, recíproco y de interdependencia de unos a otros". DRIAU, 2016, p.155.

Uma segunda aprendizagem possível da citação é a contextualização constante quando os processos estão focados na própria relação das pessoas, em um processo de liderança relacional. Quando o processo de auto-organização e autogestão é direcionado para as diversas pessoas que acompanham a vida em comunidade, existe, um retorno à base social, ou um enfoque principal na realidade em que a própria organização está imersa. Desta maneira, compreendemos os aportes encontrados na publicação do InS “Con confianza en el porvernir”:

Naturalmente, haverá diferentes percepções do que são considerados desafios do contexto e das respostas que são necessárias, isto é, quais habilidades desenvolver e com que urgência as executar. Portanto, pode haver opiniões diferentes entre os tomadores de decisão (*o sistema burocrático*) para definir o curso das ações. Se a alta administração não perceber a importância do desenvolvimento de capacidades, então não haverá ascendência política para a organização mudar; e é improvável que as opiniões de um tipo funcional ou técnico tenham a força necessária. Ao mesmo tempo, pode haver razões muito poderosas para não mudar (por exemplo, fortes interesses em manter o *status quo*), então é provável que a mudança não aconteça; a menos que correlações de forças internas forcem decisões.¹⁴¹

A citação foi extraída do ponto intitulado, “o desenvolvimento de capacidades enquanto um processo político”. Ela aporta algumas características e implicações de uma liderança relacional, para os autores e autora uma dinâmica que reconheça a menor unidade de poder em uma OSC, pode significar conflitos e disputa de interesses. Sendo justamente nesse momento que cabe a constituição de processos ainda mais participativos e cooperadores. Sendo sempre na relação com o outro (diferente) que é possível a constituição do eu (organização), ou seja, a organização é sustentável e media processos de organização quando existe um constante revisar de perspectivas.

As contribuições do InS apresentam que é no desenvolvimento de processos colaborativos que a constituição e a pertença comunitária ganha envergadura. Este

¹⁴¹ “Naturalmente habrá distintas percepciones de lo que se considera desafíos del contexto y de las respuestas que se necesitan, es decir cuales capacidades desarrollar y con qué urgencia realizarlos. De modo que podría haber diferentes opiniones entre quienes toman decisiones para establecer el rumbo delas acciones. Si la alta dirección no percibe la importancia del desarrollo de capacidades entonces no habrá ascendiente político para que la organización cambie; y es poco probable que las opiniones de tipo funcional o de tipo técnico tengan la fuerza necesaria. Al mismo tiempo puede haber razones muy poderosas para no cambiar (por ejemplo, fuertes intereses en mantener el statu quo) entonces es probable que el cambio no ocurra; a menos que correlaciones de fuerzas internas fueren las decisiones”. DRIAU; CUYATTI; SCHAPPER, 2016, p. 235.

processo deve estar enraizado na realidade social. As lideranças precisam estar treinadas para perceber os desafios e as oportunidades dos contextos sociais.¹⁴²

Assim, de maneira, é necessário que as lideranças estejam preparadas para as dinâmicas relacionais internas e externas das organizações.

Através das leituras e das construções que o InS desenvolve, é possível concluir que os processos colaborativos em busca da sustentabilidade, devem reconhecer a dinâmica complexa da realidade, e das pessoas que estão submersas nela.

¹⁴² DRIAU, 2016, p. 144.

3 COMUNICAÇÃO COMUNITÁRIA

E se encorpando em tela, entre todos, se erguendo tenda, onde entrem todos, se entretendendo para todos, no toldo (a manhã) que plana livre de armação. A manhã, toldo de um tecido tão aéreo que, tecido, se eleva por: luz balão.¹⁴³

No primeiro capítulo, discorremos a respeito da construção social e política que Gramsci propõe a fim de constituir uma outra realidade e desta maneira disputar a comunicação. Dos principais aportes do pensador, reafirmamos alguns: a importância política das reivindicações e das construções que são desenvolvidas por determinado agrupamento social, também vimos como a catarse é um processo de saída da passividade histórica da pessoa para a constituição de um pensamento próprio da pessoa = comunidade e por último a centralidade do sujeito filosófico.

Seguindo a leitura a respeito do sujeito filosófico e de sua base social, no segundo capítulo nos preocupamos em perceber em três diferentes eixos reflexivos a concepção de constituição de processos democráticos. As principais contribuições do segundo capítulo são referentes à sustentabilidade na complexidade das relações humanas em meio à constituição das comunidades, e a principal aprendizagem foi na concepção de que conforme Driau e Dussel, a relação nos processos organizativos deve ser vista na dialética entre o EU e o OUTRO sujeito, estabelecendo que esta dialética ocorre entre as pessoas e entre as organizações.

Encontramos uma reflexão similar na 82^a e 83^a tese do Radicalizar a reforma:

82. A força espiritual de Deus age livremente e sopra onde quer (João 3.8) para renovar continuamente a igreja. Ela nunca é propriedade e não pode ser mantida prisioneira de interesses institucionais ou definições dogmáticas.
83. O Espírito efetua renovação e mudança tanto na igreja como também na sociedade. Além de transformar as pessoas, ele também empodera as pessoas crentes a engajar-se lado a lado com pessoas de outras religiões, ideologias e movimentos sociais, e a suportar sofrimentos consequentes de tal engajamento por amor, solidariedade e justiça.¹⁴⁴

As teses são referência a uma outra forma de perceber o modelo organizativo da Igreja na dialética entre o EU e a COMUNIDADE. Como apresentando por Driau, o ponto chave da discussão está na impossibilidade de coibir ou de aprisionar o espírito, este é livre e atua na constante relação entre as pessoas. Desta forma, é no processo de relação comunitária que se constitui a própria identidade e o próprio valor

¹⁴³ MELO NETO, 1979, p. 17.

¹⁴⁴ HOFFMANN; BEROS; MOONEY, 2017, p. 25.

social das institucionalidades, ou seja, estes não devem ser concebidos desde uma definição dogmática. A força espiritual de Deus ao agir livremente e se constituir na comunidade e nesta dinâmica leva ao engajamento ao amor e a busca por solidariedade e da justiça.

3.1 Comunicação e constituição de comunidade

Junto do processo dos capítulos anteriores, percebemos que a dinâmica relacional nas comunidades tem como fundamento os distintos processos políticos. Sejam eles percebidos desde a constituição do sistema capitalista, ou dentro instâncias deliberativas das OSCS ou mesmo nas microrrelações de poder. Para tanto, compreendemos que reconhecer as dinâmicas de poder nativas nas comunidades faz com que os processos de comunicação sejam flexíveis e devem escapar da dinâmica de normatização ou de uma centralidade burocrática organizacional. Permitindo desta maneira que os processos possam ser concebidos desde a dinâmica complexa da realidade e dos distintos contextos, e desde os diferentes processos políticos organizativos.

Uma das respostas para esta dinâmica é a construção de processos comunicacionais que sirvam de alavanca para a oxigenação dos espaços de disputas das OSCS, permitindo que os e as protagonistas da comunicação sejam os seus reguladores, trazendo as organizações demandas, atribuições e ampliando os mecanismos e as formas de pensar e gestar a própria construção comunitária. Entretanto escapar da rigidez da normatização não é uma tarefa fácil, isso se maximiza quando nos deparamos com o período social complexo de nosso meio, no que Bauman nomeia de “modernidade líquida”.¹⁴⁵ Neste aspecto, perguntamo-nos até que ponto os processos de construção comunicativa não devem também ter como parâmetros de construção a comunidade desde uma dinâmica líquida.¹⁴⁶

Žižek, ao tratar da complexidade na discussão das narrativas fundadoras da sociedade líquida, aporta que:

¹⁴⁵ BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

¹⁴⁶ Referimos a dinâmica líquida enquanto construção do imaginário social, não nos referimos as leituras e construção que o Bauman realiza entorno do conceito comunidade. BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

O caráter “sem mundo” do capitalismo está vinculado a esse papel hegemônico do discurso científico na modernidade, uma característica claramente identificada já por Hegel, que escreveu que, para nós, modernos, a arte e a religião não obedecem mais ao respeito absoluto: podemos admirá-las, mas não nos ajoelhamos mais diante delas, na realidade nosso coração não está mais com elas – hoje, somente a ciência (conhecimento conceitual) merece esse respeito. A “pós-modernidade” como o “fim das narrativas grandiosas” é um dos nomes dessa situação difícil em que a multiplicidade de ficções locais viceja contra o pano de fundo do discurso científico como única universalidade remanescente privada de sentido. E é por isso que a política defendida hoje por muitos esquerdistas, a de contrabalançar o efeito devastador da modernização capitalista desse mundo em dissolução com a invenção de novas ficções, imaginando “mundos novos” (como o lema de Porto Alegre: “Outro mundo é possível!”), é inadequada ou, pelo menos, profundamente ambígua, pois tudo depende de como essas ficções se relacionam com o Real subjacente do capitalismo: simplesmente o complementam com a multiplicidade imaginária, como fazem as “narrativas locais” pós-modernas, ou perturbam seu funcionamento? Em outras palavras, a tarefa é produzir uma ficção simbólica (uma verdade) que intervenha no Real, que cause uma mudança dentro dele.¹⁴⁷

A abordagem do pensador é direcionada através de um questionamento de como a construção simbólica das diversas práticas de discursos (comunicação) é direcionada para antepor a realidade (enquanto essência objetiva = o real) para uma construção subjetiva das narrativas dominantes. Ao continuar sua análise, o intelectual reflete a respeito da hegemonia do discurso científico em frente ao capitalismo, e o faz no interesse de demonstrar até que ponto a construção subjetiva do imaginário pessoal responde ao processo psicanalítico em transformar as distintas experiências em uma totalidade significativa para a pessoa. Neste sentido, a avaliação que Žižek trata é a de que maneira podemos construir imagens e “comunicação” que tenha por interesse a constituição de mecanismo que transformem o real, opondo-se assim à construção de metanarrativas que vislumbram apenas a contemplação ou a retomada fantasiosa da comunicação. O interesse dele é deslegitimar o fetichismo da ciência na sociedade capitalista e alocar o processo comunicativo na constituição de transformações reais e não meramente ilustrativas.

Isso fica evidente na publicação coeditada por ele e intitulada de “O sofrimento de Deus – inversões do paraíso”, onde no capítulo 6, de autoria de Gunjévic, reflete-se sobre a ortodoxia radical não enquanto “uma sensibilidade ou ainda uma disposição metafísica, mas sim como algo que pertence amplamente à experiência e

¹⁴⁷ ŽIŽEK, Slavoj. *Em defesa das causas perdidas*. São Paulo: Boitempo, 2011. p. 46-47.

à prática quotidianas”.¹⁴⁸ No capítulo, o autor discorre sobre a lógica da linguagem e aponta que:

(...) a linguagem como uma realidade interativamente dinâmica fundamentada nas relações, ou seja, primeiro há as relações e a comunicação, e só depois as identidades fixas são construídas. Por esse motivo, Milbank argumenta que nossa articulação pela linguagem reflete o ato divino da criação, enquanto Long afirma que a própria linguagem se tornou participação na abundância infinita de Deus. Ward complementa isso com sua concisa declaração poética: “A comunicação confere a comunhão e cria a comunidade”.¹⁴⁹

Gunjévic, ao analisar a ortodoxia radical, traça que a construção da linguagem tem por objetivo máximo permitir a participação nas relações entre as pessoas e entre Deus. Em uma complexa dinâmica participativa, multiforme no tempo e constantemente atualizada e construída em comunidade. Dessa maneira, a linguagem é tida como ato anterior a comunicação e está por sua vez enquanto ato divino em relação com a comunidade, podemos ver: “toda a criatividade humana participa de Deus, enquanto o próprio Deus é uma articulação infinitamente poética”.¹⁵⁰

A discussão contida tanto na leitura da comunicação para a ortodoxia radical ou enquanto a construção de metanarrativas fundadoras tem um ponto em comum, a comunicação construída na relação com o seu entorno social. Dessa forma, a comunicação sempre é vista como uma ação comunitária.

Ao utilizar o conceito comunidade rapidamente rememoramos as concepções da tradição cristã, bem como toda a narrativa de comunidade como um lugar de encontro. Da mesma maneira, o sentimento expressado pelo termo comunidade é sempre tido como um lugar de reconhecimento mútuo, um espaço de construção colaborativa e um lugar seguro para a partilha onde as leituras políticas são debatidas e consolidadas. Sendo assim, comunidade é compreendida como “*Koinonia*: a força profanadora da comunhão”,¹⁵¹ no artigo Schaper parte das reflexões de Bauman a respeito do amor ao próximo, passa pela psicanálise freudiana e realiza um estudo do tema *Koinonia* a partir da carta aos Coríntios (1Co 10.16-17(18-21)).

¹⁴⁸ ŽIŽEK, Slavoj; GUNJEVIĆ, Boris. *O sofrimento de Deus: inversões do Apocalipse*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015. p. 159.

¹⁴⁹ ŽIŽEK; GUNJEVIĆ, 2015, p. 161.

¹⁵⁰ ŽIŽEK; GUNJEVIĆ, 2015, p. 161.

¹⁵¹ SCHAPER, Valério G. *Koinonia: a força profanadora da comunhão*. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 51, n. 2, p. 261-274, jul./dez. 2011.

Somente quem confessa fraqueza, quem confessa suas falhas, quem se confessa necessitado é que se abre para a comunhão. As pessoas autossuficientes acham que não precisam dos demais. As pessoas autossuficientes acham que só os perfeitos podem ter parte na Ceia. A autossuficiência não cria comunidade. A autossuficiência é atitude reflexa da solitária vida das mercadorias.¹⁵²

A citação do teólogo luterano foi extraída de sua análise a respeito do processo comunitário e formador de comunidade presente na eucaristia. Nela encontramos a centralidade da vida em comunidade como processo “desprivatizante”, do egoísmo e que busca o “arrancamento” da solidão. Neste sentido, a concepção de Schaper sobre comunidade é de que ela é deve ser um espaço que inclua a todas as pessoas na comunhão. Sendo que está comunhão tem sua característica missionária e diaconal. Schaper conclui seu texto:

Os sonhos de um mundo novo, nas múltiplas formas que cada um sonha, são unificados em Cristo e, a partir de Cristo, são redimidos do pecado como amor próprio, que é a marca de cada um desses sonhos e planos humanos. Assumidos por Cristo, tornam cada pessoa cúmplice-participante da benfeitoria conspiração do novo “éon”, das “coisas novíssimas” (éschaton) que o Senhor está trazendo à luz e realizando no mundo.¹⁵³

Comunidade é sempre um espaço coletivo, cúmplice-participante e que as distintas leituras e perspectivas de transformação da realidade de opressão são unificadas no milagre da partilha a partir de Cristo.

Pensar em comunidade é também pensar em Igreja, como aponta o pastor metodista Cláudio Ribeiro. Através de Karl Barth ele sistematiza que a Igreja é o evento no qual as pessoas estão reunidas, na qual a soberania de Jesus Cristo encontra livre resposta e é o local onde a Palavra é pregada e testemunhada através da comunhão do Espírito Santo.¹⁵⁴ Seguindo sua leitura, ele define que a Igreja deve ser uma comunidade profética em resposta a justiça, e a graça de Deus. Nesse sentido, para ele a comunidade, por si só, é o elemento profético com suas diferentes atribuições: política, social e humana.¹⁵⁵

Na concepção do autor:

¹⁵² SCHAPER, 2011, p. 272.

¹⁵³ SCHAPER, 2011, p. 274.

¹⁵⁴ RIBEIRO, Cláudio de Oliveira. Igreja como Comunidade Profética: uma Perspectiva Evangélica. *Estudos Teológicos*, v. 37, n. 1, p. 62-72, 1997. p. 63.

¹⁵⁵ RIBEIRO, 1997, p. 63-65.

A comunidade é a nova realidade social a partir da qual se elabora uma nova eclesiologia. Essa realidade encontra-se dentro da própria instituição, pois ambas têm em perspectiva o mesmo horizonte simbólico. A tensão se dá na recusa da comunidade de ler os mesmos símbolos com as significações cristalizadas pela instituição. A comunidade se define em sua relação dialética e ambivalente com a instituição, e é uma criadora de significações.¹⁵⁶

Como apresentado, para Ribeiro existe uma complexa dialética entre a comunidade e a instituição religiosa. Este processo ocorre através de múltiplas significações; de um lado, temos posto a instituição com suas lideranças ordenadas e de outro, as diferentes e diversas vozes que ecoam das comunidades. Esse processo de diálogo entre os diferentes níveis de poder comunitário permeia uma constante disputa de perspectivas teológicas e, por vezes, acaba gerando uma ruptura em um dos lados.¹⁵⁷ Como proposta, o teólogo conclui sua reflexão afirmando a necessidade de “abertura à Presença Espiritual, ao Deus vivo, encarnado, mas ‘totalmente Outro’”.¹⁵⁸

Ao falar de comunidade, voltamos novamente a Boff, como já posto a trindade é para o teólogo a melhor categoria teológica para pensar comunidade. Em seu livro “Cristianismo o mínimo do mínimo”, ele analisa o Jesus Histórico enquanto um sujeito capaz de se autocomunicar inteiramente,¹⁵⁹ e neste processo ele é um “ser-para-os outros”.¹⁶⁰ Como um Deus que se esvazia na comunidade é que percebemos a força transformadora que Bonhoeffer apresenta ao tratar da comunidade.

Para ele, a “comunidade é uma comunhão de alegria”,¹⁶¹ e isso por conta de que Deus está conosco e se faz presente em comunidade. Dessa maneira, ele define comunidade como o lugar onde todas as pessoas participam da graça de Deus¹⁶² e de forma comunitária rompem o individualismo e o narcisismo.

Na comunhão cristã, tudo depende de que cada pessoa se transforme num elo indispensável de cada corrente. A corrente será inquebrável só quando o menor elo engrenar com firmeza também. Uma comunidade que tolera a existência de membros que não são aproveitados, irá à ruína através deles. Será, pois, conveniente que cada pessoa receba uma tarefa determinada

¹⁵⁶ RIBEIRO, 1997, p. 66.

¹⁵⁷ RIBEIRO, 1997, p. 66.

¹⁵⁸ RIBEIRO, 1997, p. 72.

¹⁵⁹ BOFF, Leonardo. *Cristianismo o mínimo do mínimo*. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 71.

¹⁶⁰ BOFF, 2011, p. 72.

¹⁶¹ BONHOEFFER, Dietrich. *Tentação*. São Leopoldo: Sinodal, 2003. p. 16.

¹⁶² BONHOEFFER, 2003, p. 16.

dentro da comunidade, para que, em momentos de dúvida, saiba que também ela não é inútil e inaproveitável.¹⁶³

O teólogo luterano considera que todas as pessoas que compõem a comunidade são centrais e, em última análise, são a própria comunidade. E que sendo comunidade, cada parte dela deve estar envolvida e participante das ações e do desenvolvimento das atribuições comunitárias, sendo nestes processos que ocorre a comunhão. Mesmo não sendo possível uma vinculação direta com a reflexão de Bonhoeffer e Gramsci, ambos utilizam a ilustração de uma cadeia de elos; para Bonhoeffer como constituidora da comunidade e, para Gramsci (como mencionado no capítulo 1) enquanto uma cadeia de signos ideológicos.

Uma das proximidades é que em ambos o processo relacional é o que constitui de maneira direta as próprias vinculações e realidades, sejam elas enquanto uma comunhão comunitária ou enquanto uma constituição ideológica. Do mesmo modo, para eles o central na análise e reflexão da realidade são os processos sociais constituídos em meio as relações comunitárias.

A comunhão e, assim, a constituição de comunidade exige uma ruptura das lógicas impostas em uma sociedade que visa o lucro e a máxima competitividade. Rompendo esses imaginários e essas lógicas mercantilizadoras, a comunidade torna-se um espaço de partilha e de vida e construção do Reino de Deus, como aponta Jung Mo Sung:

A missão das igrejas cristãs não consiste em anunciar a si próprias como algo pleno e absoluto, mas em servir como uma comunidade onde as pessoas afirmam e fortaleçam a fé, para viver, na ambiguidade das nossas vidas, a missão de anunciar a boa nova de Jesus Cristo. Só no trabalho conjunto, com pessoas ou igrejas cristãs ou não, para anunciar o Reino de Deus, talvez nós possamos ter uma pequena experiência do que é ou pode ser a verdadeira igreja de Cristo. Afinal, Deus não se encarnou como cristão, mas como servo, e se fez humano.¹⁶⁴

Com as palavras do doutor em Ciências das Religiões, a missão da igreja é vista como um processo, onde em sua própria composição encontra-se o seu fim. Comunidade é viver a ambiguidade do ser pessoa cristã e no milagre da partilha é que mutuamente as pessoas crescem e anunciam a boa nova do Reino de Deus. É um

¹⁶³ BONHOEFFER, Dietrich. *Vida em comunhão*. São Leopoldo: Sinodal, 1997. p. 73.

¹⁶⁴ MO SUNG, Jung. *Cristianismo de libertação: espiritualidade e luta social*. São Paulo: Paulus, 2008. p. 88-89.

processo comunitário, articulado de forma colaborativa entre o Eu e o Outro, em um entrelaçar de perspectivas, sendo esta a ação fundadora e constituidora da própria comunidade. E é justamente desde a perspectiva que definimos parte do termo “comunicação comunitária”, é neste entrelaçar e nesta íntima relação de constituição e formação de sujeitos que ampliamos a concepção de comunicação, como sendo ela mesmo o processo formador da comunidade e vice e versa.

Ou seja, comunicação e comunidade estão intimamente ligadas e relacionadas, quando saímos da ação de “autossuficiência” dos e das gestoras de comunicação das OCSs e assumimos que o papel deles é o de amplificar, motivar e dialogar com a comunidade para que ela mesma desenvolva e constitua seu processo comunicacional, deparamo-nos com a comunicação comunitária.

3.2 Breve historicização da Comunicação Comunitária

Segundo Peruzzo, a comunicação comunitária também pode ser denominada de alternativa, participativa, horizontal e ou dialógica, sendo que tais nomenclaturas são derivadas do local social, bem como do tipo de prática.¹⁶⁵

Historicamente o lugar de surgimento da comunicação popular é incerto. Para Peruzzo, esse fenômeno sociocomunicativo está relacionado com o surgimento dos grandes meios de comunicação,¹⁶⁶ sendo ele constituído como processo de reivindicação da base social das classes subalternas, no intuito de constituir oposição aos meios massivos de comunicação. Nesta dinâmica, o surgimento propriamente dito, está atrelado a um movimento, onde distintos grupos organizados, inicialmente de camponeses ou de trabalhadores, realizam constantes discussões e reflexões, ou seja, a comunicação popular está completamente atrelada ao surgimento de agrupamentos ou organizações sociais.

¹⁶⁵ PERUZZO, Cicilia M. K. Revisitando os Conceitos de Comunicação Popular, Alternativa e Comunitária. In: XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 29, 2006, Brasília: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação; Universidade Nacional de Brasília. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/116338396152295824641433175392174965949.pdf>>. Acesso em: 04 jun. 2018.

¹⁶⁶ PERUZZO, Cicilia M. K. *Comunicação nos movimentos populares: a participação na construção da cidadania*. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 113.

No contexto Latino Americano, a comunicação popular passa a ganhar maior envergadura entre os anos de 70 e 80,¹⁶⁷ isso em decorrência ao contexto sócio-histórico, de amplificação do capitalismo e de ruptura de direitos, que gera a constituição de movimentos e organizações sociais reivindicadoras de justiça.

Desde a colonização do País, pelos portugueses, os regimes ditatoriais, a censura às expressões populares, restrições políticas, desigualdades econômicas e até mesmo o processo de globalização contribuíram, de certa forma, para a formação de um movimento reivindicatório e de agregação popular. Nota-se, pois, que os fenômenos comunicacionais, e aqui, de forma específica a comunicação popular e comunitária, estão intimamente interligados aos processos históricos vividos pelas sociedades e até mesmo a capacidade e condições de mobilização das classes populares.¹⁶⁸

Volpato aponta que a constituição da comunicação popular é um processo de oposição aos mecanismos e repressões das classes dominantes sobre as classes subalternas. Seguindo a análise do artigo, o autor assinala que as Comunidades Eclesiais de Base (CEBS), que reivindicam direitos e a justiça social, contribuem diretamente no contexto brasileiro para a constituição e o desenvolvimento da comunicação popular, tanto como prática social como saber sistematizado. Para as CEBS, a comunicação popular é tanto uma proposta metodológica organizativa como um resultado de sua experiência religiosa. Para Gomes,

A partir desta irrupção das CEBS, uma gama de questionamentos emergem à consciência eclesial no que tange à comunicação. Isto porque, dentro da perspectiva da Igreja, as classes populares eram uma grande massa amorfa, que não dizia nada, recebia tudo. Hoje, o homem do povo, o cristão leigo, começa a assumir a palavra na comunidade eclesial. Essa assunção acontece na elaboração dos tradicionais meios de comunicação dos quais dispões a Igreja católica no Brasil: boletins paroquianos, diocesanos, cartas circulares. O cristão leigo entra com a sua problemática e a sua visão do mundo, cria novas formas de exercitar a necessidade de comunicação e de luta experimentada pela comunidade.¹⁶⁹

A constituição de outros mecanismos de comunicação é atrelada diretamente ao processo de busca para que os e as protagonistas das CEBS possam ser atores e atrizes na constituição e no desenvolvimento da identidade e da organização comunitária. Gomes ainda aponta três outras características no surgimento da CEBS, e conseqüentemente, na constituição da comunicação popular:

¹⁶⁷ PERUZZO, 2004, p. 204.

¹⁶⁸ VOLPATO, Marcelo de Oliveira. Comunicação comunitária: trajetórias e inovações. *UNINTER de Comunicação*, São Paulo, v. 2, n. 3, p. 217-232, jul./dez. 2014.

¹⁶⁹ GOMES, Pedro G. *O jornalismo alternativo no projeto popular*. São Paulo: Paulinas, 1990. p. 10.

- a) a preocupação evangelizadora comunitária, expressa através das catequistas populares da diocese de Barra do Piraí (RJ).
- b) o Movimento de Educação da Base (MEB), com a catequese radiofônica, na diocese de Natal (RN).
- c) as experiências de apostolado dos leigos e os esforços de renovação paroquial, dentro de um amplo movimento de renovação que se codificou nos Planos Nacionais de Pastoral.¹⁷⁰

Ao descrever o processo de constituição das CEBS, o filósofo tem por interesse alocar historicamente a constituição da comunicação popular, como sendo decorrência do processo de constituição de comunidades onde “rompe-se o monopólio da fala centralizada numa elite institucionalizada”¹⁷¹ e onde “o sujeito da reflexão é coletivo”.¹⁷² Na análise, o próprio método de constituição da comunicação popular já começa a ficar característico. De modo que, essa comunicação passa a ser desdobramento das organizações e das inserções das pessoas nas ações comunitárias.

Assim sendo as práticas de comunicação popular que, ultimamente, têm recebido o nome de comunicação comunitária, perpassam não somente as CEBS, mas sim, as mais diversas formas de organização social, conferindo um sentido político de defesa dos direitos das pessoas na luta pela ampliação da participação. São organizações sociais que buscam o processo de ampliação dos direitos e da melhoria das condições de vida, que buscam constituir processos que as mais diversas classes sociais e grupos organizados possam ser constituídos e se constituir no processo de posicionar-se e transpor suas experiências em processos históricos.

Regina Festa aponta que no Brasil a comunicação popular é dividida em três fases específicas.

A primeira fase, que corresponde ao período de 68 a 78 – entre o AI-5 e a abertura política – caracteriza-se por uma comunicação de resistência, denúncia e acumulação de forças por parte das oposições; a segunda fase, de 78 a 82, período de explosão social, eleições nacionais, abrandamento das restrições políticas, caracteriza-se por projetos políticos mais definidos e pela existência de uma comunicação popular, multiplicadora de meios nas bases e pelo quase desaparecimento da comunicação alternativa; e o terceiro período, de 82 a 83, caracteriza-se por uma atomização do processo de comunicação popular e alternativa na mesma medida que reflete a

¹⁷⁰ GOMES, 1990, p. 08.

¹⁷¹ GOMES, 1990, p. 08-09.

¹⁷² GOMES, 1990, p. 09.

incapacidade das forças de oposição para articularem uma alternativa política à crise atual vivida pela sociedade brasileira.¹⁷³

Como vemos, a partir da década de 1960, o Brasil tornou-se um importante campo de construção e disputa de narrativas. E este processo de constituição da comunicação passa por duas categorias, a primeira como comunicação alternativa e a segunda na comunicação popular. Para ela, a comunicação alternativa era fruto das classes organizadas que contrariavam os projetos políticos nacionais. Já a comunicação popular era vista como a capacidade dos movimentos e organizações populares de constituírem alternativas, como vemos:

Cada um desses processos tem sua especificidade e todos apresentam conflitos e contradições internas. De um lado, estão sujeitos a mediações culturais entre classes sociais [disputa] e de outro, a cumprirem um papel social que os transforma em instrumentos ativos ou passivos de interesses destas mesmas classes sociais [construção].¹⁷⁴

A comunicação alternativa carregar consigo uma característica de combatividade ou de constante disputa, principalmente ao regime autoritário que estava em vigor no Brasil. Desta forma, a comunicação alternativa possui duas motivações chaves, a primeira enquanto a mobilização política de contestação à ditadura, e a segunda pela construção contra-hegemônica.

A comunicação alternativa tem como papel a expressão dos movimentos contrários ao modelo de governo que estava instaurado. Por conta do AI-5, esta comunicação ganhou a característica de ser constituída de forma clandestina, desenvolvendo uma subcultura (em oposição à “cultura estabelecida pela ditadura”) contestatória na reivindicação de que as classes e os grupos sociais dominados tomem a palavra.

Pereira aponta que a maior parte dos e das constituidoras da comunicação alternativa eram a “mídia burguesia, dos trabalhadores e da pequena burguesia”¹⁷⁵ e que este grupo, majoritariamente, defendeu os interesses nacionais e populares, portanto, condenava o regime. O desenvolvimento destes processos comunicacionais

¹⁷³ FESTA, Silva. Movimentos sociais, comunicação popular e alternativa. In: FESTA, Regina; SILVA, Carlos Eduardo Lins da. (Orgs.). *Comunicação popular e alternativa no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 1986.

¹⁷⁴ FESTA, 1986, p. 10-11.

¹⁷⁵ PEREIRA, Raimundo Rodrigues. Viva a imprensa alternativa. Viva a imprensa alternativa! In: FESTA, Regina; SILVA, Carlos Eduardo Lins da. (Orgs.). *Comunicação popular e alternativa no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 1986. p. 55-56.

em meio à ditadura constituiu um rico arcabouço teórico e de qualidade que permitiu o desenvolvimento e a ampliação da comunicação partidária e sindical na atualidade.¹⁷⁶

Com o final dos regimes autoritários na maior parte dos países da América Latina e junto disso a diminuição da influência da Teologia da Libertação, as lutas sociais e os agrupamentos sociais passam por um processo de institucionalização. As bandeiras antes articuladas clandestinamente agora passam a serem unificadas em organizações legalmente formadas. Junto deste fenômeno, a própria comunicação ganha uma nova característica, ela passa a se constituir mais fortemente em oposição às mídias massivas.

Um novo sintoma já estava aparecendo: a adoção de novas tecnologias como resultado de uma outra etapa de desenvolvimento localizado e seletivo que chegaria mais tarde. O Brasil começava a entrar, em carácter irreversível, na área da eletrônica (nova etapa de aliança com o capital internacional, apesar da Lei de Informática e de Reserva de Mercado), abrindo conseqüentemente a possibilidade de uso alternativo dessas tecnologias por setores do movimento social.¹⁷⁷

Como apresentado, o avanço das tecnologias eletrônicas modifica o contexto e a forma de constituição dos processos de comunicação até aquele momento presente. Isso gera com que os meios de comunicação alternativa iniciem mais fortemente a reivindicação popular como oposição às mídias massivas. A bandeira de reivindicação passa a operar em contramedida à leitura massiva dos canais de comunicação. Em algumas situações, a comunicação alternativa utiliza das mesmas ferramentas tecnológicas para seu desenvolvimento, transpondo esta comunicação para outra relação com sua base social, retornando assim a própria crítica antes realizada, por exemplo, pelas CEBS.

Como vimos, a diferenciação da comunicação popular e comunicação alternativa é uma resposta direta à expressão das classes subalternas e tem o intuito de realizar a promoção e a mobilização social. Embora ambas tenham características semelhantes, não devem ser vistas como similares, a comunicação popular tem por interesse apresentar uma nova leitura de mundo segundo a classe popular, enquanto a alternativa tem por interesse opor-se aos grandes canais de comunicação.

¹⁷⁶ PEREIRA, 1986, p. 56.

¹⁷⁷ FESTA, 1986, p. 29.

É nesta construção teórica e prática que encontramos a primeira relação e o surgimento da comunicação comunitária, enquanto uma leitura que busca tanto na comunicação alternativa como na comunicação popular suas referências. Embora as duas formas de desenvolver a comunicação são plausíveis e ainda respondam ao contexto social, no Brasil foi no final dos anos 1990 que surge, pela primeira vez, o conceito de comunicação comunitária.

Do ponto de vista teórico e das práticas sociais recentes, a comunicação comunitária recorre a princípios da comunicação popular, podendo haver certa distinção entre uma experiência e outra, segundo as características de cada situação. É comum, por exemplo, existirem casos em que o comunitário se torna mais plural ao atuar num bairro, numa cidade ou região onde há diversidade de atores sociais, e em cuja realidade certas características comunitaristas (ação conjunta, participação na gestão, propriedade coletiva) se diluem, mas outras permanecem, como por exemplo, o sentido orgânico do vínculo local, participação na programação e a transmissão de conteúdos de interesse público.¹⁷⁸

Desta forma, os princípios “suleadores”¹⁷⁹ da comunicação comunitária são baseados na democracia, na pluralidade e não possuem relação direta aos grandes meios de comunicação, ela possui uma proposta social com o intuito de mobilizar e promover a organização na realidade local na busca pelo desenvolvimento da própria comunidade.

Outro aporte de relevância na busca de uma historicização da comunicação popular, alternativa e comunitária é perceber sua relevância no ambiente acadêmico. Em 2015, Maria Alice Campagnoli Otre, sendo orientada pela doutora Cicilia Maria Krohling Peruzzo, defendeu sua tese na qual realiza um levantamento histórico bibliográfico das pesquisas dos programas de pós-graduação do Brasil que tratam de forma direta sobre a comunicação popular, alternativa e comunitária entre os anos de 1972 e 2012.¹⁸⁰

Dentro da delimitação proposta pela autora, sua análise contou com um acervo de pesquisa que incluem 742 obras entre dissertações e teses apresentadas

¹⁷⁸ PERUZZO, 2008, p. 375.

¹⁷⁹ O termo *sulear* é utilizado por Paulo Freire em oposição ao termo “*nortear*”, quando argumenta que em suas experiências de educação o referencial geográfico sempre era o norte, para ele este ato permeia uma orientação política e ideológica. FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. p. 113. A mesma compreensão é apresentada em: ADAMS, Telmo; STRECK, Danilo Romeu; MORETTI, Cheron Zanini. *Pesquisa-educação: mediações para a transformação social*. Curitiba: Appris, 2017. Nota 155.

¹⁸⁰ OTRE, Maria Alice Campagnoli. A pesquisa acadêmica sobre Comunicação Popular, Alternativa e Comunitária no Brasil: análise de dissertações e teses produzidas em Programas de Pós-Graduação em Comunicação entre 1972-2012. 263p. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2015.

aos Programas de Pós-Graduação (PPG) de comunicação reconhecidos pelo Ministério de Educação e Cultura (MEC). Em sua análise, a comunicadora social conclui que existe uma ampliação no campo de pesquisa da área na atualidade sendo que o período entre 2003 a 2012 foi responsável por 67% de todas as pesquisas.¹⁸¹ Através de seus indicadores, ela conclui a relevância desta área de estudos para a pesquisa acadêmica e pontua ainda que o tema é interdisciplinar e possui como base referencial pessoas educadoras, sociólogas, teólogas, filósofas, antropólogas e comunicadoras.

A pesquisa foi elaborada em dois momentos, o primeiro em uma análise quantitativa, na qual ela investigou quais as abordagens das pesquisas bem como destacou as propostas e os temas fundadores da reflexão. Do mesmo modo, ela referenciou os principais expoentes da temática e as linhas que perpassam de forma transversal as leituras apresentadas.

No segundo momento, a pesquisadora realizou um levantamento qualitativo das teses de doutorado por ela encontradas. Neste momento, ela ocupou-se em analisar o delineamento bibliográfico dos e das pesquisadoras que *suleiam* as reflexões. Entre os principais autores e autoras citadas de forma direta estão: Paulo Freire (80%),¹⁸² Cílicia K. Peruzzo e Jesus Martín Barbero (60%),¹⁸³ Antonio Gramsci, José Marques de Melo, Mário Kaplún e Néstor Canclini (46%),¹⁸⁴ Raquel Paiva e Leonardo Boff entre outros teóricos são encontrados em 33%¹⁸⁵ das pesquisas, além dos aportes de Luiz Beltrão.¹⁸⁶ Entre os teólogos citados, destacam-se: Leonardo Boff, Pedro Demo, Pedro Gilberto Gomes, Clodovis Boff e Frei Betto, além dos e das pesquisadoras que atuam ou já atuaram academicamente nos PPGs de teologia.

3.3 Contextualização da comunicação comunitária

Comunicação comunitária são os processos comunicacionais constituídos dentro das mais diversas OSCS que atuam nos mais distintos espaços geográficos e possuem um agrupamento religioso, filosófico ou social específico. Ela é uma

¹⁸¹ OTRE, 2012, p. 105.

¹⁸² OTRE, 2012, p. 210.

¹⁸³ OTRE, 2012, p. 210.

¹⁸⁴ OTRE, 2012, p. 211.

¹⁸⁵ OTRE, 2012, p. 211.

¹⁸⁶ OTRE, 2012, p. 213.

atividade sem fins lucrativos, neste sentido cabe destacar que a comunicação comunitária nega a mercantilização da comunicação, não reconhecendo a lógica do lucro em sua constituição. A comunicação comunitária possui características educativas, culturais e de mobilização social. Sendo que sua constituição é desenvolvida de forma horizontal e descentralizada.

A comunicação atrelada a uma realidade comunitária é vista enquanto um processo de diálogo e de construção de subjetividades que se desenvolvem nos espaços públicos e privados, onde os e as participantes decidem quem são, o que querem e como podem obtê-lo. Isto posiciona a comunicação no espaço da construção social e cultural para a transformação da sociedade desde as menores instâncias estabelecidas. De forma geral, a comunicação é um processo de diálogo e de debate, baseado no respeito, tolerância, justiça social e participação ativa de todas as pessoas, tendo seu processo de constituição mais importante que sua finalidade.

Neste sentido, a centralidade do diálogo está justamente contraposta à dinâmica presente nos canais de comunicação massivos, desestabilizando a leitura predominante de que a comunicação é um processo passivo, desenvolvido através da lógica emissor e receptor. Na comunicação comunitária, o processo de transmissão de informações é horizontal e a construção de sentidos e significados é constituída de forma colaborativa.¹⁸⁷

Como pontuado no capítulo anterior, Freire reflete sobre a importância do outro para o processo de comunicação, e este outro, se dá em um lugar que tem como base a estrutura social de vida e de realidade. Assim, o conceito de diálogo possui uma dimensão pessoal da comunicação, e esta dimensão pessoal possui como base a outra pessoa,

O *eu* dialógico, pelo contrário, sabe que é exatamente o *tu* que o constitui. Sabe também que, é constituído por um *tu* - um não-*eu* -, esse *tu* que o constitui se constitui, por sua vez, como *eu*, ao ter no seu *eu* um *tu*. Desta forma, o *eu* e o *tu* passam a ser, na dialética destas relações constitutivas, dois *tu* que se fazem dois *eu*.¹⁸⁸

Assim os processos de comunicação comunitária têm por interesse o encontro profundo entre as pessoas, uma comunhão onde não pode haver subalterno, pelo

¹⁸⁷ RODRÍGUEZ CLEMENCIAL, Rafael; OBREGÓN, Jair. *Estrategias de comunicación para el cambio social*. Quito: Raquel Escobar, 2002. p. 10.

¹⁸⁸ FREIRE, 1987, p. 96.

contrário é justamente no outro que reside o EU e o eu reside no OUTRO. Assim sendo, considerar o outro como subalterno é considerar o eu subalterno logo o outro é subalterno como eu. Portanto, somos iguais e, sendo iguais, não pode existir a pessoa subalterna.

Da mesma forma, quando a comunicação é realizada em um processo de diálogo, ela rompe o sistema clássico de comunicação (emissor => receptor), pois viabiliza um amplo espaço de participação, proporcionando com que cada pessoa que participa da comunicação atue como emissora e vice e versa, tornando seu desenvolvimento uma rede livre das mais distintas maneiras de expressão. Desta forma, a comunicação comunitária também é tida como um lugar público, propício para a realização dos mais distintos debates da realidade, e assim, um veículo central na veiculação de perspectivas críticas aos grandes aglomerados midiáticos.

Embora a comunicação comunitária não tenha uma única forma de ser percebida, em muitos dos casos ela é vista enquanto um processo e não como uma atividade a fim, ou como uma receptora de conteúdo. Ela em seu processo de constituição gera e é a responsável por um fazer-comunicação, que culmina em um complexo sistema relacional, capaz de envolver a comunidade à volta, distintos aprendizados das pessoas, a conscientização e o reconhecimento da comunidade e da realidade que a cerca. Assim, o processo da comunicação comunitária é geradora de identidades sociais e pessoais.

A criação de identidades comunitárias e conseqüentemente pessoais é tida também, quando os processos de comunicação ganham a cara e o enraizamento da própria comunidade. A visibilidade de conteúdos e a constituição das pautas em torno do interesse das próprias comunidades é alcançado com a comunicação comunitária e assim, responde a Declaração Universal do Direitos Humanos, em seu Art. 19, quando aponta que a opinião e a expressão são direitos de todas as pessoas, sendo assegurado a não censura.¹⁸⁹

Em 2002, a UNESCO, em resposta à complexidade dos meios massivos de comunicação e buscando traçar uma tática e um mecanismo para a reafirmação

¹⁸⁹ CESE. *Declaração Universal dos Direitos Humanos* – Edição comemorativa. Disponível em: <http://www.cese.org.br/wp-content/uploads/2018/04/Cartilha_CESE-direitosHumanos_2018-FINAL-WEB_pagsIndividuais.pdf>. Acesso em: 18 de junho de 2018. p. 62.

cultural dos mais distintos povos e comunidades¹⁹⁰ lança a Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural, e define no 6ª artigo:

Enquanto se garanta a livre circulação das idéias mediante a palavra e a imagem, deve-se cuidar para que todas as culturas possam se expressar e se fazer conhecidas. A liberdade de expressão, o pluralismo dos meios de comunicação, o multilingüismo, a igualdade de acesso às expressões artísticas, ao conhecimento científico e tecnológico – inclusive em formato digital - e a possibilidade, para todas as culturas, de estar presentes nos meios de expressão e de difusão, são garantias da diversidade cultural.¹⁹¹

A declaração tem por interesse fazer com que as mais diferentes formas de expressão cultural possam abranger as distintas comunidades e constituir desta forma as mais diferentes expressões culturais e assim formar uma cultura plural e multifacetada. É com essa característica que a comunicação comunitária como processo de reconhecimento das mais distintas individualidades e das mais diferentes expressões culturais pessoais e de comunidades, é uma fonte de combate ao modelo comunicacional dominante e constitui desta forma outras realidades.

É no encontro cultural e identitário, onde os mais distintos sujeitos podem ter experiências em uma complexa teia de conteúdo, que resulta o processo de diálogo entre as pessoas geradoras da comunicação. Essa dinâmica gera a proposta central dos processos de comunicação comunitária:

A verdadeira proposta do processo de comunicação e do meio não está nas mensagens, mas nos modos de interação que o próprio meio – como muitos dos aparatos que compramos e que trazem consigo seu manual de uso – transmite ao receptor.¹⁹²

Martin-Barbero centra sua análise dos processos de comunicação como um lugar simbólico ou representativo. Assim, o centro de sua análise está ancorado nas distintas articulações que são resultantes dos processos comunicacionais. Ou seja, a prática e o ato de comunicar estão interligados a uma prática responsável, articuladora e geradora da sociedade.

¹⁹⁰ UNESCO. *Declaração Universal sobre a diversidade cultural*. 2002. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001271/127160por.pdf>>. Acesso em: 18 de junho de 2018.

¹⁹¹ UNESCO, 2002.

¹⁹² MARTIN-BARBERO, Jesús. América Latina e os anos recentes: o estudo da recepção em comunicação social. In: SOUSA, Mauro Wilton (Org.). *Sujeito, o lado oculto do receptor*. São Paulo: Brasiliense, 2002. p. 55.

Peruzzo em 2008, ao analisar o pensamento de Martin-Barbero aponta que:

A implicação do pensamento barberiano de analisar a comunicação a partir da cultura pressupõe não centralizar a observação unicamente nos meios, mas ampliar a análise para as mediações. É através das observações conceituais que se pode conceber a mediação como conexões com elementos diversos que formam um todo novo, espécie de ponte que permite alcançar um novo panorama sem sair totalmente do primeiro.

O ato de mediar significa fixar entre duas partes um ponto de referência comum, mas equidistante, que a uma e a outra faculte o estabelecimento de algum tipo de inter-relação, ou seja, as mediações seriam estratégias de comunicação em que, ao participar, o ser humano se representa a si próprio e o seu entorno, proporcionando uma significativa produção e troca de sentidos.¹⁹³

Desta maneira para uma das principais proponentes da comunicação comunitária, o próprio ato (das diversas partes que compõem determinada comunidade) de comunicar é o constituinte da própria construção de uma realidade. Ou, para nós, é o fato de proporcionar os mais distintos processos de comunicação, interna e externamente das OSCS é o que constitui de forma significativa o valor social da própria organização, e ao mesmo, é o ato de comunicar em comunidade, que constitui a própria comunidade.

Alfaro apresenta uma análise similar à da brasileira:

Da mesma forma, cada grupo ou comunidade cria relacionamentos e gera conhecimento entre seus membros que podem ser resgatados para construir o desenvolvimento. As forças de todos colocados em ação constituem um capital social e cultural capaz de mover montanhas. Desta forma, a associatividade humana é valorizada como uma força de transformação. Essa perspectiva é nesse sentido totalmente oposta às relações clientelistas de certos populismos latino-americanos. Ou, a uma visão de impacto focada em mudanças de comportamento externas que não considerem diálogos interculturais e transformações subjetivas dentro de um processo de ação de longo prazo.¹⁹⁴

¹⁹³ DANTAS, José Guibson Delgado. Teoria das Mediações Culturais: Uma Proposta de Jesús Martín-Barbero para o Estudo de Recepção. In: *X Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, 29, 2006, São Luiz: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Disponível em: <<http://intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2008/resumos/R12-0015-1.pdf>>. Acesso em: 04 jun. 2018. p. 4.

¹⁹⁴ Igualmente cada grupo o comunidad ha creado relaciones y generado saberes entre sus miembros que pueden ser rescatadas para construir desarrollo. Las fortalezas de todos puestas en acción constituyen un capital social y cultural que puede mover montañas. De esa manera se valora la asociatividad humana como fuerza de transformación. Esta perspectiva es en ese sentido totalmente opuesta a las relaciones clientelistas de ciertos populismos latinoamericanos. O a una visión de impacto centrada en cambios exteriores de conducta que no consideran los diálogos interculturales y las transformaciones subjetivas dentro de un proceso de acción de más largo alcance. ALFARO, Rosa Moreno. *Otra brújula. Innovaciones en comunicación y desarrollo*. Lima: Calandria, 2006. p. 48.

Seguindo a leitura para Alfaro os processos de comunicação devem considerar o profundo diálogo entre os diversos valores sociais que constituem as comunidades, da mesma forma, que deve considerar a complexidade das transformações que a comunicação realiza nos processos externos e subjetivos de cada parte integrante da comunidade. Desta forma, um processo comunicativo que considera as relações das pessoas, deve relacionar as expectativas e sonhos dos sujeitos com as expectativas e sonhos de seu entorno social.

Outra importante contribuição, ao compreender a comunicação comunitária enquanto o processo de desenvolvido através das dinâmicas socioculturais, é que tal análise reconhece cada pessoa da comunidade como um sujeito histórico, percebe as relações humanas em sua complexidade reconhecendo as mais diversas dinâmicas de poder e aposta na comunicação como uma ação interativa.

CONCLUSÃO

O desafio apresentado pelo projeto desta pesquisa era o de investigar de que maneira os processos de comunicação comunitária contribuem para a sustentabilidade das OSCS. No caminho percorrido, deparamo-nos com Gramsci e toda a construção da comunicação comunitária que brota da América Latina. Junto com as contribuições de Armani, foi possível perceber que a comunicação é um dos instrumentos que emancipam e geram comunidades, assim como as comunidades são as geradoras e emancipadoras da comunicação, sendo que é nesta relação que a sustentabilidade das organizações se torna possível.

Nesse caminho, João Cabral de Melo Neto¹⁹⁵ foi por muitos momentos a expressão poética da pesquisa, não apenas por sua obra “Morte e Vida Severina”, mas também pela “Tecendo a Manhã” que foi citada em cada um dos capítulos anteriores da dissertação. Propositamente, não demos a devida reflexão aos trechos da poesia citada, mas o fazemos agora no interesse de sistematizar não apenas a obra, mas a pesquisa como um todo. *Tecendo a Manhã* faz parte de um conjunto de metapoemas publicados em 1966, sendo que esta obra consolida a abordagem lógica da poesia de Cabral. A poesia foi fonte de inspiração durante a ditadura civil-militar no Brasil,¹⁹⁶ e também é utilizada na reflexão a respeito da construção das relações dialógicas seguindo o raciocínio de Bakhtin.¹⁹⁷ Na abordagem de Bakhtin, a constituição do discurso é uma construção derivada do discurso de outrem, ou em outras palavras, a linguagem é sempre uma enunciação da enunciação.¹⁹⁸

O trecho apresentado no primeiro capítulo ilustra a importância de vários “galos” para a constituição da “manhã”. O galo precisa arfar o peito e soltar seu clarinar para que a manhã levante, ele precisa expressar-se e o faz a partir de sua realidade de galo. Ele precisa apanhar e “gritar” o grito dos galos. De forma ilustrativa, esta é a interpretação de catarse que apresentamos no primeiro capítulo. Para Gramsci, a

¹⁹⁵ João Cabral de Melo Neto (09/01/1920 – 09/10/1999), brasileiro, diplomata e poeta com suas obras indo desde tendências surrealistas até a poesia popular. Foi agraciado com diversas premiações. PEREIRA, Lawrence Flores. Pedra do sono de Cabral de Melo Neto: o imaginário onírico e o feminino inquietante. *Nonada*, Porto Alegre, n. 7, p. 23-31, 2004.

¹⁹⁶ SILVA, Nilzete Cruz. Relações dialógicas e discurso citado: tecendo uma história com Bakhtin e João Cabral de Melo Neto. Disponível em: <http://www.ucpel.tche.br/senale/cd_senale/2013/Textos/trabalhos/121.pdf>. Acesso em: 04 mar. 2018. p. 4.

¹⁹⁷ SILVA, 2018, p. 6.

¹⁹⁸ SILVA, 2018, p. 5.

construção de uma comunicação libertadora é entendida como um processo ético-político e tem em sua centralidade que os e as protagonistas (galos) da comunicação desenvolvam um processo de ruptura da passividade histórica (cocoriar), esta ruptura exige que o sujeito filosófico reconheça sua realidade (apanhar o grito dos outros galos) e atue, bem como comunique neste mesmo espaço (um galo comunica para outros galos).

Quando o “galo” cocorica, ele expressa sua realidade, e esta realidade, é necessariamente compartilhada por outros galos. Para que a manhã levante, é necessário que todos os galos gritem. De um galo para o outro galo e para o outro galo, a comunidade dos galos é feita dos gritos e das partilhas “galais”. O cocoricar de cada galo é a linha que tece a “manhã”. E esta é a expressão que de forma elucidativa apresentamos no segundo capítulo. Com os aportes de organização democrática, considerando as ciências sociais, a teologia e o InS, definimos que os processos de constituição democrática devem ser realizados de forma ampla e descentralizada tanto nas comunidades religiosas como nas OSCS. É através deste processo colaborativo que a sustentabilidade apresenta sua melhor performance, na qual todos os e as protagonistas atuam nos processos democráticos e, desta forma, constituem em si e na organização a validade histórica social das OSCS.

O último trecho do poema ilustra o terceiro capítulo, que analisa a constituição e a influência da comunicação comunitária. Nesta mesma divisão, percebemos como a comunidade é o local central na própria constituição da comunicação, e sendo assim a gestão das comunidades e da própria comunicação possuem características libertadoras dos modelos hegemônicos de controle social presentes nas OSCS. Trabalhando em comunidade com pessoas protagonistas, erguem-se “tendas” para todas as pessoas, e assim transforma-se a realidade, e algo como sol transforma-se em “luz balão”. É na ação criativa do espírito santo que as cores e a manhã pairam sobre o ar.

O desafio dialógico e comunitário apresentado pelo poema é que permite que o sol saia todas as manhãs. Na dimensão do poema e como apresentado pelos capítulos anteriores, concluímos que: a comunicação é um processo constituído na comunidade e era ocorre através das diversas interações e relações sociais; sendo que através do encontro dos diversos corpos é que ética-política é passível de construção. Da mesma maneira, no encontro dos corpos e no processo de interação

social é que a comunicação ganha sua envergadura e torna-se o fator central na constituição da sustentabilidade organizacional.

Também é parte desta pesquisa a reflexão em torno das comunidades religiosas. Tendo a comunicação como um processo social e interativo, pontuamos sete características centrais de uma comunicação que visam a sustentabilidade e a ampliação comunitária:

- 1) A comunidade é a responsável por criar comunidade e por manter comunidade. Como destacado diversas vezes, o processo de constituição comunitário ocorre no encontro entre os diferentes sujeitos históricos. A fim de desbancar as concepções clássica e egoísta de que determinados indivíduos ou determinadas leituras são o que constitui a comunidade, partimos da concepção de que a comunidade é gerada e é formada através da própria comunidade. São as relações sociais, econômicas, ideológicas, teológicas e interpessoais que constituem a própria comunidade. A comunidade é o encontro dos diferentes corpos; e é neste encontro que a comunidade é constituída.
- 2) A comunicação é um espaço de expressão e de catarse da própria comunidade. O objetivo da comunicação é o de comunicar e de expressar as construções da e para a menor unidade comunitária. A comunicação seja enquanto um encontro de enunciados,¹⁹⁹ ou enquanto um agir,²⁰⁰ ou ainda enquanto um ato simbólico e/ou representativo,²⁰¹ tem em comum o encontro de sujeitos que expressam, a partir de sua realidade, sua própria realidade de mundo. É este entrelaçar de realidades de mundo que os sujeitos entram em catarse e tornam-se os constituidores e as constituidoras da própria comunicação.
- 3) Todas as pessoas são responsáveis pela comunicação comunitária e desta forma a institucionalização de processos comunicacionais de forma vertical descaracterizam e menosprezam a força do espírito santo, que de forma criativa atua na construção de perspectivas e realidades distintas. A responsabilidade da comunicação está em sua dimensão ético-política, ou

¹⁹⁹ BAKHTIN, Mikhail. *The dialogical imagination*. Austin: University of Texas Press, 1981.

²⁰⁰ HABERMAS, Jürgen. *Teoría de la acción comunicativa*. Madrid: Taurus, 1987.

²⁰¹ MARTIN-BARBERO, 2002.

seja, todas as pessoas são responsáveis por, de forma democrática, constituir um imaginário e uma outra realidade centrada em suas experiências de vida.

- 4) Havendo necessidade de comunicações oficiais e de grande envergadura das comunidades e OSCS, é necessário que a constituição desta comunicação inclua a leitura de mundo expressa pela própria comunidade. Comunicação comunitária precisa ser regida por uma ética do cuidado que considere a amplitude de reflexões e de realidades da própria comunidade.²⁰² É necessário transformar o ato de comunicação institucional em um processo de disputa ética-política de perspectivas e de concepções da comunidade.
- 5) Desta forma, é necessário que os processos comunitários estejam centrados no diálogo e na partilha de experiências e de leituras de mundo. O processo democrático deve transcender perspectivas centralizadoras e ser entendido como um constante refletir e atualizar das ações e dos caminhos percorridos pelas OSCS.
- 6) As distintas leituras de mundo e os distintos processos comunicacionais são o que cria o valor social das comunidades. Não é a comunicação que cria a instituição, é a instituição que cria a comunicação e neste processo a própria instituição se reinventa. Essa reinvenção deve considerar que todos e todas são de fato sujeitos autônomos, responsáveis e válidos nas reflexões e nos aportes constituídos nas reflexões, este processo leva ao pertencimento e a responsabilizam dos e das partes que compõem as comunidades.
- 7) A sustentabilidade das OSCS apenas será alcançada quando as distintas partes da comunidade, em uma relação democrática, expressem as mais diferentes leituras de mundo e de perspectivas. A sustentabilidade é atingida quando as partes das OSCS estejam comprometidas e articuladas com ações e com a participação ativa na instituição, e isso apenas é possível ao deslocar a voz que comunica de forma centralizada para uma voz que ecoa da própria comunidade.

²⁰² BOFF, Leonardo. *Saber cuidar*. Petrópolis: Vozes, 2011.

As características apresentadas são indicadores constituídos a partir dos capítulos anteriores. Tais aportes fazem com que reflitamos a respeito de processos práticos que possam ser efetuados e dirigidos nas comunidades, nesta dimensão apresentamos três ações que podem ser implementadas a fim de, pouco a pouco, transpor o modelo de comunicação centrado em pessoas ou grupos, para um modelo de ampliação e construção democrática, são eles:

- 1) Processos formativos emancipatórios. As distintas OSCS necessitam de capacitação e formação emancipatória das pessoas que fazem parte dela. Falar em um processo de comunicação constituída desde a base social, exige que esta base possua um arcabouço teórico que permita realize reflexões possíveis e transformadoras da realidade. Como Gramsci aponta é necessário que certo grupo específico realize o processo de escuta e de construção junto às bases, claro que entendemos que este processo deve ser pautado por uma dinâmica de horizontalidade aplicada a uma pedagogia libertadora.
- 2) Ampliação da participação democrática. Com sujeitos em processo de emancipação é necessário que os mesmos possam atuar nos processos decisórios e organizativos da organização. Desta maneira, ampliar a participação nos espaços decisórios é fundamental para a constituição de uma ética comunitária, a qual esteja pautada, nos desafios e nas interrogações das próprias OSCS. Importante ressaltar, que este não deve ser um processo representativo, mas sim, instaurador de reflexões e de planejamento comunitário e social.
- 3) Gestar processos comunicacionais comunitários. A terceira característica acaba ocorrendo no desdobramento das outras. Esta terceira ação pode ser desenvolvida de duas maneiras, a primeira em detrimento as outras duas, ou seja, enquanto um processo de formação e de ampliação democrática. Entretanto, pode-se também utilizar esta ação enquanto finalidade, desta forma, cabe a criação de grupos amplos e multiforme, responsáveis pela comunicação nas menores instâncias, ocupando-se em comunicar a realidade na qual a comunidade está presente, de maneira diversificada e democrática. Em outras palavras, constituir conselhos nas comunidades e

OSCS afim de que estes possam, capturar, formar e constituir a própria leitura da realidade da comunidade.

Embora esta dissertação tenha como interesse discutir de forma conceitual a maneira que a comunicação comunitária contribui para a sustentabilidade das organizações, os aportes anteriores têm por interesse apontar para a prática, maneiras e mecanismos capazes de formar uma comunicação libertadora dentro das OSCS e das comunidades religiosas.

Neste sentido, concluímos que: o processo de comunicação comunitária é relevante para as OSCS uma vez que eles são os constituidores da validade social interna e externa das organizações. Para isso, é fundamental que estes processos sejam elaborados de maneira democrática e colaborativa transpondo os modelos verticais para mecanismos de construção horizontais. Neste processo, a sustentabilidade organizacional é desenvolvida desde uma complexa teia de relacionamentos e perspectivas que motivam, transformar e constituem a própria organização. Assim sendo, a sustentabilidade não deve ser compreendida enquanto uma ação final, mas sim um processo amplo e democrático no qual as pessoas parte das próprias comunidades são as que constituem e refletem o valor e os objetivos institucionais. E neste sentido a comunicação e a sustentabilidade são duas dimensões do mesmo objetivo, a constituição e validação das realidades comunitárias.

O aprendizado acerca do tema *comunicação* e suas respectivas vinculações com a sustentabilidade abrem novas questões a serem encaradas futuramente, por exemplo, quais os elementos empíricos (ônticos) que possibilitam a comunicação com o processo autorreferenciador de uma determinada comunidade? Quais os elementos que fundam os elementos da linguagem como meio significativo à apropriação simbólica dos discursos de identidade coletiva? Quais as características litúrgicas da comunicação autorreferenciadora própria das comunidades de fé? Estas e outras muitas questões foram sendo levantadas ao longo da pesquisa e abriram outras portas pelas quais se tornou inviável entrar pela limitação e pela necessidade de delineamento de pesquisa.

Os resultados parciais aos quais se pôde chegar evidenciam ao pesquisador e a orientação da pesquisa a importância da continuidade da pesquisa e análise acerca da comunicação como característica fundamental dos processos de organização da

identidade dos grupos sociais humanos, pois é a partir da autocompreensão que o ser humano na fé passa a se localizar no mundo, sempre em relação ao outro, sempre mediado pelo mundo a respeito de quem se é e de quem se foi, buscando orientar o horizonte sobre como se entenderá no futuro a *autorreferência*. De fundamental importância, pareceu ser a noção de catarse de Gramsci para o argumento apresentado, considerando a noção de que é por meio da construção significativa que os grupos sociais podem se encontrar em horizontes comuns de sentido, organizando assim as identidades e objetivos societários capazes de criar relacionamento e vínculos afetivos de permanência e autossustentação, a saber, sustentabilidade.

REFERÊNCIAS

- ACANDA, J. L. *Sociedade civil e hegemonia*. Rio de Janeiro: EdUFRJ, 2006.
- ADAMS, Telmo; STRECK, Danilo Romeu; MORETTI, Cheron Zanini. *Pesquisa-educação: mediações para a transformação social*. Curitiba: Appris, 2017.
- ALFARO, Rosa Moreno. *Otra brújula. Innovaciones en comunicación y desarrollo*. Lima: Calandria, 2006.
- ALVES, Ana Rodrigues Cavalcanti. *O conceito de hegemonia: de Gramsci a Laclau e Mouffe*. São Paulo: Lua Nova, 2010.
- ANDERSON, Perry. *Las antinomias de Antonio Gramsci*. Barcelona: Fontamara, 1981.
- ARMANI, Domingos. O Desenvolvimento Institucional como Condição de Sustentabilidade das ONGs no Brasil. In: *Aids e Sustentabilidade – Sobre as Ações das Organizações da Sociedade Civil*. Brasília: Ministério da Saúde, n. 45, 2001.
- _____. *Organizações da sociedade civil: protagonismo e sustentabilidade*. Recife: Instituto C&A, 2013.
- ASSMANN, Hugo; MATE, Reyes. *Sobre la religión II*. Salamanca: Sígueme, 1975.
- BAKHTIN, Mikhail. *The dialogical imagination*. Austin: University of Texas Press, 1981.
- BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- _____. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BEHRING, Elaine Rossetti; BOSCHETTI, Ivanete. *Política social: fundamentos e história*. v.2. São Paulo: Cortez, 2006.
- BEROS, Daniel C. Igreja: criatura... de que “palavra”? In: HOFFMANN, Martin; BEROS, Daniel C.; MOONEY, Ruth. *Radicalizando a Reforma: outra teologia para outro mundo*. São Leopoldo: Sinodal; EST, 2017.
- _____. O limite que liberta: a justiça “alheia” da cruz como poder de vida. In: HOFFMANN, Martin; BEROS, Daniel C.; MOONEY, Ruth. *Radicalizando a Reforma: outra teologia para outro mundo*. São Leopoldo: Sinodal; EST, 2017.
- BOBBIO, Norberto. *O conceito de sociedade civil*. Rio de Janeiro: Graal, 1982.
- BOFF, Clodovis. Volta ao fundamento: réplica. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis, v. 272, p. 892-927, 2008.
- BOFF, Leonardo. *A Santíssima trindade é a melhor comunidade*. Petrópolis: Vozes, 2000.

_____. *Cristianismo o mínimo do mínimo*. Petrópolis: Vozes, 2011.

_____. *Saber cuidar*. Petrópolis: Vozes, 2011.

BONHOEFFER, Dietrich. *Tentação*. São Leopoldo: Sinodal, 2003.

_____. *Vida em comunhão*. São Leopoldo: Sinodal, 1997.

BRIGHENTI, Agenor. Raíces de la epistemología y del método de la teología latinoamericana. *Medellin*, v. XX, n. 78, p. 209, 1994.

BUTZKE, Paulo Afonso. *Aspectos Teológicos da Sustentabilidade da Igreja: Contribuições do Programa de Sustentabilidade da Federação Luterana Mundial para a América Latina e Caribe*. Disponível em: <http://www.sustentabilidad.est.edu.br/sigak_publico/downloads/Aspectos_Teologicos_da_Sustentabilidade.pdf>. Acesso em: 25 mar. 2018.

CARDOSO, Univaldo Coelho; CARNEIRO, Vânia Lúcia Nogueira; RODRIGUES, Édna Rabelo Quirino. *OSCIP: Organização da Sociedade Civil de Interesse Público*. Brasília: Sebrae, 2014.

CARRASCO, Jorge Costadoat. Identidad de la Teología Latinoamericana y la Teología de la Liberación. *Perspectiva Teológica*, v. 50, n. 1, p. 22, abr. 2018. Disponível em: <<http://faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/3938/3952>>. Acesso em: 03 jul. 2018.

CESE. *Declaração Universal dos Direitos Humanos – Edição comemorativa*. Disponível em: <http://www.cese.org.br/wp-content/uploads/2018/04/Cartilha_CESE-direitosHumanos_2018-FINAL-WEB_pagsIndividuais.pdf>. Acesso em: 18 de junho de 2018.

COUTINHO, Carlos N. *Gramsci*. Porto Alegre: L&PM, 1981.

_____. *Gramsci: um estudo sobre seu pensamento político*. Rio de Janeiro: Campus, 1992.

_____. *Gramsci: um estudo sobre seu pensamento político*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

_____. Introdução. In: GRAMSCI, Antonio. *Concepção dialética da história*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

DANTAS, José Guibson Delgado. Teoria das Mediações Culturais: Uma Proposta de Jesús Martín-Barbero para o Estudo de Recepção. In: *X Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, 29, 2006, São Luiz: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Disponível em: <<http://intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2008/resumos/R12-0015-1.pdf>>. Acesso em: 04 jun. 2018.

DELLA GIUSTINA, Emilie Faedo; LUIZ, Danuta Estrufika Cantóia. Sociedade civil e participação: concepções hegemônicas e contra hegemônicas. *Em Tese*,

Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 67-92, jun. 2013. Disponível em:
<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/1806-5023.2013v10n1p67>>.
Acesso em: 26 jun. 2018.

DRIAU, Gustavo. *Enfoques y herramientas en los procesos de sustentabilidad de las iglesias*. São Leopoldo: Faculdades EST; Instituto Sustentabilidade América Latina e Caribe, 2016.

DRIAU, Gustavo; CUYATTI, Patricia; SCHAPER, Valério (Orgs.). *Con confianza en el porvenir: testigos de la caminada*. São Leopoldo: Faculdades EST; Instituto Sustentabilidade América Latina e Caribe, 2016.

DUSSEL, Enrique D. *Caminhos da libertação latino-americana: reflexões para uma teologia da libertação*. Tomo IV. São Paulo: Paulinas, 1984.

ELLACÚRIA, Ignacio; SOBRINO, Jon. *Mysterium Liberationis: conceptos fundamentales de la Teología de la Libertación*. Madrid: Trotta, 1990.

FESTA, Silva. Movimentos sociais, comunicação popular e alternativa. In: FESTA, Regina; SILVA, Carlos Eduardo Lins da. (Orgs.). *Comunicação popular e alternativa no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 1986.

FREIRE, Paulo. *Extensão ou comunicação?* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

_____. *Pedagogia da esperança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

_____. *Pedagogia do oprimido*. 17.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GADOTTI, Moacir. *Paulo Freire: uma biobibliografia*. São Paulo: Cortez, 1996.

GALEANO, Eduardo. *Grupo Eduardo Galeano de Estudos e Pesquisas Latino-Americanas em Comunicação Social*. Disponível em:
<<http://www.galeano.cchla.ufrn.br/index.html>>. Acesso em: 03 jul. 2018.

GIANNOTTI, Vito. *Comunicação para disputa de hegemonia*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2014.

GOMES, Pedro G. *O jornalismo alternativo no projeto popular*. São Paulo: Paulinas, 1990.

GORGULHO, Gilberto da Silva. Hermenêutica Bíblica. In: ELLACÚRIA, Ignacio; SOBRINO, Jon. *Mysterium Liberationis: conceptos fundamentales de la Teología de la Libertación*. Madrid: Trotta, 1990.

GRAMSCI, Antônio. *Cadernos de lá carcer: tomo 5*. México: ERA, 1999.

_____. *Cadernos do Cárcere*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

_____. *Cadernos do cárcere*. v.2: Os intelectuais. O princípio educativo. Jornalismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

_____. *Concepção dialética da história*. 3.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

_____. *El materialismo histórico y la filosofía de Benedetto Croce*. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 1971.

_____. *Introducción a la filosofía de la praxis*. Barcelona: Edicions 62, 1970.

_____. *La formación de los intelectuales*. Mexico: Grijalbo, 1967.

_____. *Obras escolhidas*. Lisboa: Estampa, 1974.

_____. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

GRUPPI, Luciano. *O conceito de hegemonia em Gramsci*. 2.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1978.

GUTIERREZ, Gustavo. La teología latinoamericana y caribeña: trayectoria y perspectivas. *Congreso Continental de Teología*, v. 38, p. 14-29, 2012. Disponível em:

<http://www.seleccionesdeteologia.net/selecciones/lilib/vol53/211/211_Gutierrez.pdf>. Acesso em: 30 jun. 2018.

_____. *Teología de la liberación: perspectivas*. Salamanca: Sígueme, 1972.

HABERMAS, Jürgen. *Teoría de la acción comunicativa*. Madrid: Taurus, 1987.

HOFFMANN, Martin; BEROS, Daniel C.; MOONEY, Ruth (Orgs.). *Radicalizando a Reforma: outra teologia para outro mundo*. São Leopoldo: Sinodal; EST, 2017.

INSTITUTO SUSTENTABILIDADE AMÉRICA LATINA E CARIBE. *Quem somos*. Disponível em: <<http://sustentabilidade.est.edu.br/quemsomos/>>. Acesso em: 15 dez. 2017.

INSTITUTO SUSTENTABILIDADE. *Documento fundante*. Disponível em: <http://sustentabilidade.est.edu.br/sigak_publico/downloads/Instituto_de_Sustentabilidade.pdf>. Acesso em: 06 Jul. 2018.

JESUS, Rodrigo Marcos De. *Religião como Fé e Política: o cristianismo libertador em Leonardo Boff*. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Filosofia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Belo Horizonte, 2009.

LUKÁCS, György. *Estética*. Problemas de la mimesis. 2.ed. México: Grijalbo, 1966.

_____. *Introdução a uma estética marxista*. 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970.

MACHADO, Loiva Mara de Oliveira. Controle social democrático: é possível materializá-lo? In: SUÁREZ MACIEL, Ana L.; BORDIN, Erica B. *A face privada na gestão das políticas públicas*. Porto Alegre: Fundação Irmão José Otão, 2014.

MAIA, Marilene. Desigualdades, cidadania e as possíveis mediações com a sociedade civil. In: SUÁREZ MACIEL, Ana Lúcia; BORDIN, Erica Bomfim. *A face privada na gestão das políticas públicas*. Porto Alegre: Fundação Irmão José Otão, 2014.

MALERBA, João Paulo. Catarse e contra-hegemonia: contribuições gramscianas para a comunicação comunitária. *Razón y Palabra*, México, v. 18, n. 86, abr./jun. 2014. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=199530728009>>. Acesso em: 03 jun. 2018.

MANDEL, Ernesto. *O capitalismo*, 1981. Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/mandel/1981/mes/capitalismo.htm>>. Acesso em: 06 jun. 2018.

MARCILIO, Daniel. O Historiador e o Jornalista: A História imediata entre o ofício historiográfico e atividade jornalística. *Aedos*, Porto Alegre, v. 5, n. 15, p. 42-63, jan./jul. 2013.

MARTIN-BARBERO, Jesús. América Latina e os anos recentes: o estudo da recepção em comunicação social. In: SOUSA, Mauro Wilton (Org.). *Sujeito, o lado oculto do receptor*. São Paulo: Brasiliense, 2002.

MARX, Karl. *Introducción general a la crítica de la economía política*. México: Cultura Libre, 1974.

MELO NETO, João Cabral de. Tecendo a manhã. In: CABRAL. *Antologia poética*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979.

MELO, José Marques de. Igreja e comunicação. In: PUNTEL, Joana; SOARES, Ismar de. *Comunicação igreja e estado na América Latina*. São Paulo: Paulinas, 1984.

MO SUNG, Jung. *Cristianismo de libertação: espiritualidade e luta social*. São Paulo: Paulus, 2008.

NOGUEIRA, Marco Aurélio. *Um estado para a sociedade civil: temas éticos e políticos da gestão democrática*. São Paulo: Cortez, 2004.

OBSERVATÓRIO DA SOCIEDADE CIVIL. *Tudo que você precisa saber antes de escrever sobre ONGs*. Disponível em: <http://observatoriosc.org.br/wp-content/uploads/2016/10/Cartilha-para-jornalistas-web_CERTO.pdf>. Acesso em: 11 mar. 2018.

OTRE, Maria Alice Campagnoli. A pesquisa acadêmica sobre Comunicação Popular, Alternativa e Comunitária no Brasil: análise de dissertações e teses produzidas em Programas de Pós-Graduação em Comunicação entre 1972-2012. 263p. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2015.

PAIVA, R. *O espírito comum: comunidade, mídia e globalismo*. Petrópolis: Vozes, 1998.

PEREIRA, Lawrence Flores. Pedra do sono de Cabral de Melo Neto: o imaginário onírico e o feminino inquietante. *Nonada*, Porto Alegre, n. 7, p. 23-31, 2004.

PEREIRA, Raimundo Rodrigues. Viva a imprensa alternativa. Viva a imprensa alternativa! In: FESTA, Regina; SILVA, Carlos Eduardo Lins da. (Orgs.). *Comunicação popular e alternativa no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 1986.

PERUZZO, Cicilia M. K. *Comunicação nos movimentos populares: a participação na construção da cidadania*. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

_____. Revisitando os Conceitos de Comunicação Popular, Alternativa e Comunitária. In: XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 29, 2006, Brasília: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação; Universidade Nacional de Brasília. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/116338396152295824641433175392174965949.pdf>>. Acesso em: 04 jun. 2018.

PINHEIRO, Daíse Cristina de Sá. *O papel do plano de comunicação preventivo em momento de crise na organização*. Monografia. 58 f. (Graduação) - Curso de Comunicação Social, Habilitação em Jornalismo, Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia da Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2005. Disponível em: <<https://repositorio.bc.ufg.br/bitstream/ri/4451/5/TCCG%20-%20Jornalismo%20-%20Da%20C3%ADse%20Cristina%20de%20S%20C3%A1%20Pinheiro.pdf>>. Acesso em: 13 jul. 2018.

PUNTEL, Joana; SBARDELOTTO, Moisés. Da Reforma Histórica à “Reforma Digital”: Desafios Teológicos Contemporâneos. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 57, n. 2, p. 352, jul./dez. 2017.

RAMIRO BELTRÁN, Luis, “*La comunicación para el desarrollo en Latinoamérica: un recuento de medio siglo*” Documento apresentado para o III Congresso Panamericano de la Comunicación, Buenos Aires, 2005.

RIBEIRO, Cláudio de Oliveira. Igreja como Comunidade Profética: uma Perspectiva Evangélica. *Estudos Teológicos*, v. 37, n. 1, p. 62-72, 1997.

RODRÍGUEZ CLEMENCIAL, Rafael; OBREGÓN, Jair. *Estrategias de comunicación para el cambio social*. Quito: Raquel Escobar, 2002.

SCHAPER, Valério G. Koinonia: a força profanadora da comunhão. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 51, n. 2, p. 261-274, jul./dez. 2011.

SCHAPER, Valério G.; ZWETSCH, Roberto E.; KOSLOSKI, André. *Resgatando a radicalidade da Reforma - website como canal de comunicação e formação no contexto dos 500 anos de Reforma*. Disponível em: <<http://www.reformaprotestantehoje.com.br/projeto/>>. Acesso em: 04 jun. 2018.

SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph. A Teologia e as Outras Ciências. *Estudos teológicos*, São Leopoldo, v. 36, n. 3, p. 253, 1996.

SILVA, Nilzete Cruz. Relações dialógicas e discurso citado: tecendo uma história com Bakhtin e João Cabral de Melo Neto. Disponível em:

<http://www.ucpel.tche.br/senale/cd_senale/2013/Textos/trabalhos/121.pdf>. Acesso em: 04 mar. 2018.

SIMIONATTO, Ivete. *Gramsci: sua teoria, incidência no Brasil, influência no serviço social*. São Paulo: Cortez, 1995.

_____. *O social e o político no pensamento de Gramsci*. 1997. Disponível em: <<https://www.acesa.com/gramsci/?id=294&page=visualizar>>. Acesso em: 06 jul. 2018.

SOUZA, Daniel. Religião e/é política: as homilias de Dom Oscar Romero no cenário de resistência e libertação salvadorenha. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 56, n. 2, p. 295, jul./dez. 2016.

UNESCO. *Declaração Universal sobre a diversidade cultural*. 2002. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001271/127160por.pdf>>. Acesso em: 18 de junho de 2018.

VOLPATO, Marcelo de Oliveira. Comunicação comunitária: trajetórias e inovações. *UNINTER de Comunicação*, São Paulo, v. 2, n. 3, p. 217-232, jul./dez. 2014.

WESTHELLE, Vítor. 500 Anos da Reforma: Luteranismo e Cultura nas Américas. *Cadernos Teologia Pública*, São Leopoldo, ano. XII, n. 97, v. 12, 2015.

WIRTH, Lauri E.; ZWETSCH, Roberto E. Apresentação à edição brasileira. In: HOFFMANN, Martin; BEROS, Daniel C.; MOONEY, Ruth (Orgs.). *Radicalizando a Reforma: outra teologia para outro mundo*. São Leopoldo: Sinodal; EST, 2017.

YAMAMOTO, Eduardo Yuji. O discurso comunitário: ideologia e interpretação. *Em Questão*, Porto Alegre, v. 14, n. 1, p. 25-40, jan./jun. 2008.

ŽIŽEK, Slavoj. *Em defesa das causas perdidas*. São Paulo: Boitempo, 2011.

ŽIŽEK, Slavoj; GUNJEVIĆ, Boris. *O sofrimento de Deus: inversões do Apocalipse*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

FACULDADES EST
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

ANDRÉ KOSLOSKI

EMANCIPAÇÃO INSTITUCIONAL E COMUNITÁRIA:
COMUNICAÇÃO E SUSTENTABILIDADE

São Leopoldo

2018